



Beatriz Neves Nolasco

**“A última geração antes do fim”:
juventude e tecnologia em B. Stiegler**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Edgar de Brito Lyra Netto

Rio de Janeiro
Setembro de 2023

Beatriz Neves Nolasco

**“A última geração antes do fim”:
juventude e tecnologia em B. Stiegler**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Edgar de Brito Lyra Netto

Orientador

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Prof. Rodrigo Guimarães Nunes

Essex/PUC-Rio

Prof. Fernando Antonio Soares Fragozo

UFRJ

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Beatriz Neves Nolasco

Graduou-se em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2020. Tem experiência em desenvolvimento Full Stack de sistemas web. Seus principais interesses de pesquisa são Filosofia da Tecnologia, Humanidades Digitais e Ética no desenvolvimento de software.

Ficha Catalográfica

Nolasco, Beatriz Neves

“A última geração antes do fim” : juventude e tecnologia em B. Stiegler / Beatriz Neves Nolasco ; orientador: Edgar de Brito Lyra Netto. – 2023.

90 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Bernard Stiegler. 3. Tecnologia. 4. Juventude. 5. Geração. 6. Fim do mundo. I. Lyra Netto, Edgar de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Edgar Lyra pela parceria ao longo de todo o processo de realização deste trabalho. Só tenho a agradecer por sempre estar sendo estimulada a produzir um trabalho melhor, mais bem embasado e com referências mais diversas.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À minha mãe Marcia, exemplo de mãe, por me ouvir atentamente sempre que eu precisei organizar as ideias em voz alta, mas principalmente, por me dar colo nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão Marcio, minha inspiração, por todas as trocas que tivemos desde a graduação e pelo incentivo para que eu seguisse a carreira acadêmica.

A meu pai Waldecir (in memorian) e meu avô Fernando (in memorian) que me ensinaram que a presença silenciosa e invisível, ainda assim, é presença.

Aos professores Fernando Fragozo e Rodrigo Nunes que integraram inicialmente a banca de defesa da qualificação e depois a Comissão examinadora. O seu acompanhamento e as sugestões bibliográficas foram essenciais para a realização deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Filosofia, pelos ensinamentos desde a graduação, pelo acolhimento e por toda ajuda.

Aos meus colegas de pós-graduação e amigos Matheus Barros e Waldyr Delgado, por compartilharem comigo o apreço pela obra do Stiegler, sem medir esforços para que eu tivesse toda a base necessária para desenvolver este trabalho.

Aos meus amigos desenvolvedores, por compartilharem comigo, de mãos dadas, uma jornada de aprendizado que jamais imaginei viver.

A todas as mulheres que vieram antes de mim e tornaram o acesso e permanência na universidade possível. Dedico este trabalho a todas nós, as que ousaram sonhar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Nolasco, Beatriz Neves; Lyra Netto, Edgar. **“A última geração antes do fim”**: juventude e tecnologia em B. Stiegler. Rio de Janeiro, 2023. 90p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A contemporaneidade é um período marcado pela presença ubíqua da tecnologia, tornando rápidas, voláteis e precárias as nossas condições existenciais. Bernard Stiegler (1952-2020), ciente disso, demonstra em várias de suas obras a preocupação com as novas gerações diante de um contexto histórico no qual o mundo parece caminhar apressadamente rumo ao abismo. Em sua obra sobre a disrupção, o autor se utiliza de uma personagem, o jovem Florian de 15 anos, com o objetivo de, através de seu discurso, ilustrar a realidade que busca compreender. O norte da dissertação é exatamente a fala desse adolescente, que entende que o seu pensamento, marcado por protensão negativa, pode ser estendido a seus pares de geração. Por meio da análise da fala do jovem, buscamos pensar sobre a projeção de futuro que a juventude faz hoje e sobre como ela se difere de outros momentos de nossa História em que a tecnologia não estava tão intimamente presente na vida diária. Também, pretendemos dar conta do que conceitualmente é a juventude, por que o recorte geracional é relevante para a discussão e como todas essas definições são condicionadas sócio-historicamente. Buscamos igualmente compreender a origem e a incidência do fenômeno da negação na psique jovem diante dos problemas que parecem se acumular na existência contemporânea, tais quais as mudanças climáticas, a redução significativa de oportunidades dignas de trabalho e o agravamento da desigualdade social.

Palavras-chave

Bernard Stiegler; Tecnologia; Juventude. Tecnologia; Geração; Fim do mundo.

Abstract

Neves Nolasco, Beatriz; Lyra Netto, Edgar (Advisor). **“The last generation before the end”: youth and technology in B. Stiegler**. Rio de Janeiro, 2023. 90p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The contemporary period is marked by the ubiquitous presence of technology, causing our existential conditions to be volatile and precarious. Bernard Stiegler (1952-2020), aware of this, demonstrates in several of his works his concern for the new generations in a historical context in which the world seems to be rushing towards the abyss. In his work on disruption, the author presents a character, the 15-year-old Florian, with the aim of, through his speech, illustrating the reality he seeks to understand. The dissertation revolves around the speech of this teenager, who believes that his words, filled with negative protension, could be shared with his peers of the same generation. Through the analysis of the young man’s speech, we seek to understand more about the projection of the future that the youth makes today and how it differs from other moments in our History in which technology was not so intimately present in our daily life. Also, we intend to understand the concept of youth, why generations are relevant to the discussion and how all these definitions are socio-historically conditioned. We also seek to discuss the origin and incidence of the phenomenon of denial in the young psyche before problems that seem to accumulate in contemporary existence, such as climate change, the significant reduction of decent job opportunities and the worsening of social inequality.

Keywords

Bernard Stiegler; Technology; Youth; Generation; The end of the world.

Sumário

Introdução	9
1. Disrupção: mapeamento de condições de existência contemporânea	12
1.1.1 Incompreensão e ignorância	13
1.2.1 Constituição de expectativa	14
1.3.1 “O fim”	15
1.2.1 História do termo “disrupção”	17
1.2.2 A Era da Disrupção stiegleriana	21
2. “Devir sem futuro”: protensão no fim dos tempos	27
2.1 Definição das categorias temporais	29
2.2 O futuro de ontem e de hoje	32
2.3 Horizonte de Expectativa dos tardomodernos	35
3. Juventude e geração	39
3.1 O nascimento da Sociologia da Juventude	43
3.2 Reinvenção da Sociologia da Juventude: o conceito de geração	46
3.3 Juventudes plurais e no plural	53
4. Processos de negação e verbalização de Florian	58
4.1. Insuportabilidade do real	60
4.2 O não-pensamento das novas gerações: tecnologia e negação	64

Conclusão	70
Referências Bibliográficas	86

Introdução

Uma sensação de inquietude paira no ar. Os dias parecem cada vez mais velozes, contamos com poucos momentos de lazer e descanso após nossas exaustivas jornadas de trabalho e estudo. A tecnologia está mais avançada do que nunca, a cada dia surgem inovações aos montes, mas, ao mesmo tempo, uma melhoria efetiva das condições sociais parece estar longe de acontecer. Nossa vida está demasiadamente diferente daquela que projetamos quando éramos mais jovens, na verdade, nossos objetivos se modificaram por completo diante de tamanha frustração com a realidade.

Coletivamente, parece que todos nós temos experimentado pequenas variações disso. Ao menos, essa é a teoria de Bernard Stiegler (1952-2020), autor francês interessado na realidade contemporânea e nas relações entre suas inúmeras facetas. O autor atribui grande parte disso ao desenfreado desenvolvimento tecnológico, causador de uma grande instabilidade nas condições de existência, que se tornam voláteis e cambiantes, especialmente no presente século.

É evidente que o desapontamento, o frustrar-se diante da realidade, oposta aos objetivos constituídos na infância e juventude, faz parte do tornar-se um adulto e, com isso, precisar lidar com todas as responsabilidades tão próprias do “crescer”. No entanto, uma instabilidade social abrasiva tende a gerar uma sensação de insegurança diante do mundo que talvez jamais tenha sido experienciada nesses termos.

Para ilustrar o que todos parecem estar sentindo, mesmo que, muitas vezes, sem comunicar, Stiegler chama atenção para a seguinte fala de um jovem de 15 anos chamado Florian:

Você realmente não se dá conta do que acontece conosco. Quando eu falo com jovens da minha geração, aqueles com dois ou três anos de diferença com relação a minha idade, todos eles dizem a mesma coisa: nós não temos mais o sonho de começar uma família, ter filhos, ter um negócio, ou qualquer tipo de ideais, como vocês tinham quando eram adolescentes. Tudo isso está acabado, porque estamos convencidos de que seremos a última geração, ou uma das últimas, antes do fim. (L'IMPANSABLE coll., 2006, p. 7, tradução nossa)¹

¹“Vous ne vous rendez vraiment pas compte de ce qui nous arrive. Quand je parle avec des jeunes de ma génération, ceux qui ont deux ou trois ans de plus ou de moins que moi, ils disent tous la

O adolescente traz em suas palavras a frustração com um ideal que lhe foi apresentado, ele passou a vislumbrar a impossibilidade da realização de uma certa narrativa. O que chama mais atenção é que Florian é um jovem, que já em seus 15 anos, formula um discurso tão pessimista, descrente de um futuro promissor (ou de um futuro, de forma geral) para si e para seus parceiros de geração. Trata-se de uma fala pequena, porém com um impacto grande no leitor, por se tratar de um discurso preocupante por si só, mas mais ainda quando levamos em conta que foi proferido por um adolescente, de quem correntemente se espera entusiasmo e expectativa com relação ao próprio futuro.

Tendo em vista a altíssima complexidade da discussão trazida por Stiegler, nos propusemos a explorar a fala do jovem Florian de maneira pormenorizada. Nosso objetivo é explorar a tese do presente trabalho, a saber, a existência de uma juventude em risco no século XXI, ilustrada pelo discurso da personagem stiegleriana, que necessita urgentemente de atenção e cuidado. Portanto, o adolescente será o norteador da nossa investigação mais ampla sobre a contemporaneidade, ao mesmo tempo que sua explanação nos auxiliará a pensar especificamente na juventude, enquanto um coletivo complexo, parte de um todo, porém particularizada pelas suas características.

Iniciaremos esse movimento partindo a fala do jovem em três trechos menores com o objetivo de extrair o máximo possível de informações e questionamentos relevantes para a nossa discussão nas primeiras seções do Capítulo 1 (1.1.1, 1.2.1 e 1.3.1). Após esse trabalho estritamente textual, interpretativo, desenvolveremos o conceito de disrupção, pensando em sua História na literatura acadêmica, assim como na forma que Stiegler o desenvolve como Era da Disrupção para caracterizar as consequências da tecnologização na contemporaneidade.

A fala do jovem Florian traz em si uma grande preocupação com o que genericamente chamamos de “futuro”, ilustrando a sua forma de projetar, a partir do agora, um tempo que ainda não se presentificou. Essa prática é algo que fazemos diariamente sem dar muita atenção para diversas preconcepções das quais ela depende, como, por exemplo, uma definição mais ou menos clara de futuro, do que

même chose : on n'a plus ce rêve de fonder une famille, d'avoir des enfants, un métier, des idéaux, comme vous l'aviez quand vous étiez adolescents. Tout ça, c'est fini, parce qu'on est convaincu qu'on est la dernière, ou une des dernières générations avant la fin.” (L'IMPANSABLE coll., 2006, p. 7)

seria o ato de projetar ou a existência efetiva (ou não) de um porvir. Pensando em como carecemos de uma pormenorização maior, no Capítulo 2 trataremos algumas definições de categorias temporais, assim como uma profícua discussão sobre o condicionamento histórico-temporal existente para pensar o próprio futuro, o futuro do planeta e dos pares.

Arbitrariamente também dizemos aqui que a nossa personagem Florian é um jovem, levando somente a sua idade de 15 anos em consideração. No Capítulo 3 deste trabalho faremos uma leitura do desenvolvimento sócio-histórico das categorias etárias juventude e geração, explorando em cada uma das seções um dos períodos da subdivisão proposta em conformidade com a Sociologia da Juventude. Seremos capazes de perceber como levar em conta somente o fator etário para definir um grupo heterogêneo e complexo é prejudicial para uma investigação mais sóbria sobre o tema.

Em seguida, iremos explorar a complexidade intrínseca à assunção da fala de um único jovem como um parâmetro para a forma como a juventude de maneira geral pensa e atua. No capítulo final (Capítulo 4) buscamos discutir como se dá o processo de negação diante da insuportabilidade da realidade presente, qual a influência da tecnologia sobre isto e acenamos para a possibilidade de mitigação diante de condições tão complexas de existência. Na Conclusão trataremos de forma mais detida da possibilidade de amenizar os danos trazendo para o primeiro plano uma política pública brasileira da área da Educação.

1. **Disrupção: mapeamento de condições de existência contemporânea**

Em primeiro lugar é necessário comentar a fala do jovem Florian ponto a ponto. Trata-se de um discurso presente no livro de 2006 *L'Effondrement du temps: Tome 1* utilizado por Stiegler na construção de sua argumentação sobre a denominada Era da Disrupção. O trecho é apresentado nas primeiras páginas de sua obra (STIEGLER, 2019, p. 9), de forma a ser evocado durante momentos bastante diferentes do texto, sempre dizendo respeito ao conceito de disrupção e suas consequências na vida contemporânea de todas as gerações que compartilham deste tempo e espaço.

O discurso de pouquíssimas linhas é extremamente expressivo por dizer respeito à verbalização das angústias de um jovem de 15 anos quanto ao seu futuro e de seus pares de geração, que (sobre)vivem no planeta Terra. Fica claro ao longo do desenvolvimento da obra que Stiegler constrói toda a sua narrativa a partir e em volta do discurso de Florian, a quem denomina seu “interlocutor silencioso”². Da mesma forma, a construção argumentativa do presente trabalho toma o pronunciamento do adolescente como um ponto de partida e como norte de uma discussão demasiadamente relevante para nosso século.

Para fins de organização didática dividiremos a fala de Florian em três segmentos com o objetivo de levantar os principais pontos a serem discutidos a partir dela no desenvolvimento da dissertação. A divisão proposta é: 1.1) “Você realmente não se dá conta do que acontece conosco.” 1.2) “Quando eu falo com jovens da minha geração, aqueles com dois ou três anos de diferença com relação a minha idade, todos eles dizem a mesma coisa: nós não temos mais o sonho de começar uma família, ter filhos, ter um negócio, ou qualquer tipo de ideais, como vocês tinham quando eram adolescentes.” 1.3) “Tudo isso está acabado, porque estamos convencidos de que seremos a última geração, ou uma das últimas, antes do fim” (L’IMPANSABLE coll., 2006, p. 7). A partir dessa divisão será possível

² “Este obstáculo bloqueando o horizonte é o que Florian, meu interlocutor silencioso (...), chama de ‘o fim’.” (STIEGLER, 2017, p.401, tradução nossa)

minuciar a explanação do adolescente para levantarmos os pontos relevantes para o presente trabalho de forma a serem desenvolvidos ao longo dele.

1.1.1

Incompreensão e ignorância

A primeira parte da fala já traz consigo grandes revelações quanto à discussão que o restante dela buscará desenvolver. Chama a atenção o fato do jovem afirmar que seu interlocutor é incapaz de compreendê-lo. Ao afirmar que o interlocutor “não se dá conta” de algo, Florian enuncia a incompreensão que sente diante de uma situação, mas mais do que isso, demonstra que falta a atenção, falta o zelo necessário para se perceber algum fato que se desenrola. Não se dar conta de algo implica que este algo está de dando diante dos olhos dos demais, todavia estes não o percebem.

Quem seria(m) essa(s) pessoa(s) para a(s) qual(is) o problema do adolescente passa em branco? O autor da frase faz o uso do pronome francês *vous*, que pode estar fazendo referência a vós (plural) ou a você (singular) de maneira formal em “*Vous ne vous rendez vraiment pas compte de ce qui nous arrive*” (L’IMPANSABLE, 2006, p. 7). Tal construção frasal nos permite certa margem de interpretação: estaria Florian se referindo ao seu locutor de forma restrita e individual ou a um grupo de pessoas (talvez uma parte da população) que não o compreende? Tais questionamentos só poderão ser esclarecidos na parte seguinte da discussão (seção 1.2).

Cabe também perguntar-se sobre o uso do pronome oblíquo “conosco” (*nous* no original francês). Tal escolha gramatical demonstra já nesse ponto do desenvolvimento do texto que o jovem enxerga o problema de um ponto de vista coletivo, ou seja, de um grupo de pessoas que compartilham de certas características e pensamentos comuns. Florian afirma que há um problema que “nos” acomete, chamando atenção para uma condição comum, coletiva inerente à construção reflexiva.

Portanto, podemos tirar desse pequeno trecho algumas conclusões que serão relevantes para a argumentação que se seguirá. Para o jovem, existe uma pessoa ou

um certo grupo de pessoas que não está sendo capaz de perceber um evento que se desenrola diante de si. Um outro grupo de pessoas - estas tendo algo em comum que faz o adolescente enxergá-las como um coletivo - sente os efeitos de tal evento e passa a se sentir incompreendido. A visita ao original em francês nos auxilia no entendimento, todavia sozinha não dá conta da prospecção da primeira parte, sendo relevante seguirmos adiante.

1.1.2

Constituição de expectativa

A segunda parte da fala também se mostra bastante frutífera para nossa discussão. Logo no início, Florian chama atenção para a interação entre os jovens, que levantam discussões pertinentes àquele grupo. O adolescente considera parte de sua geração, como é demonstrado em seguida, indivíduos com dois ou três anos de diferença (para mais ou para menos) com relação a sua idade. Sendo ele um jovem de 15 anos, podemos deduzir que pessoas de 12 a 18 anos fariam parte dessa mesma fatia geracional. Chama atenção aqui tanto a valorização da categoria etária para a sensação de pertença a um coletivo, quanto a categorização de um certo recorte de idade como sendo a juventude.

Em seguida, o jovem afirma que todos de sua geração com quem conversou dizem a mesma coisa (*la même chose*). Esse posicionamento nos indica que há certa homogeneidade no pensamento de indivíduos desse mesmo grupo. Parte da tarefa do presente trabalho é levar tal suposição ao extremo, de forma que seja possível compreender até que ponto há similaridade na constituição de interpretações do presente e projeções de futuro do ponto de vista intrageracional, como nos afirma Florian.

Interpretar o que é dito por todos os jovens com quem Florian dialogou também é de suma importância para a discussão. Nesse sentido, o adolescente nos é generoso e enumera diversos eventos. Se atentarmos ao que é dito, percebemos que a lista angariada diz respeito a comportamentos que são esperados de indivíduos adultos no contexto de uma realidade marcada pela hegemonia do capital e pela

heteronormatividade. Seus ancestrais recentes desejam (e projetam) um futuro para seus descendentes no qual eles realizem o ideal burguês de sucesso profissional a partir do próprio negócio e que casem-se de maneira a formar uma família heteroafetiva com filhos.

Fica claro, portanto, que o interlocutor silencioso de Stiegler percebe uma mudança de paradigmas no que diz respeito à forma de se projetar futuro que algumas gerações antes da sua pregavam. Aqui chama a atenção o fator comparativo utilizado por Florian para pensar a juventude atual em oposição à juventude de períodos anteriores. O uso de tal categoria como fator de comparação é pertinente para pesquisas que buscam refletir acerca das diferenças de condições de existência em momentos distintos da História e a forma como isso afeta a constituição do imaginário de futuro e de presente dos indivíduos.

Em resumo, a interação entre jovens de idade similar no século XXI é rica em nuances importantes para uma análise da vida contemporânea. A partir de um certo conceito de geração - um espectro de três anos para mais ou para menos - Florian entende que indivíduos compartilham de uma hegemonia quanto ao pensamento de futuro. Ao contrário do que os “antigos jovens” costumavam ter como expectativa para sua vida adulta, os “novos jovens” são incapazes de projetar os ideais burgueses que seus pais e avós lhes informaram.

1.1.3 “O fim”

Como vimos anteriormente, enquanto seus progenitores tiveram uma adolescência tomada pela projeção de futuro burguesa de possuir um negócio próprio e constituir uma família pautada na monogamia, os jovens de hoje parecem não mais projetar tais ideais. Poderia se pensar que essa situação se deve a novos paradigmas sexuais e de gênero de nossa época, mas na perspectiva florianiana, o fator principal de tal mudança pode ser atribuído à ausência de perspectivas de futuro, característica de uma juventude tomada pela desesperança.

O jovem vai mais adiante e aprofunda a motivação dessa severa transformação. É nesse ponto que ele nos apresenta o *insight* mais brutal de seu discurso, a saber, o convencimento de que sua geração será a última ou uma das últimas antes do fim dos tempos. Mais do que a morte de uma certa forma de conceber o mundo, essa afirmação traz para o centro da discussão a ruína de todo e qualquer paradigma, ideologia, pensamento de futuro. Florian está alerta ao fim iminente da humanidade.

Perguntar-se também sobre o que exatamente ele (e por consequência seus congêneres³) concebe como sendo “o fim” é inevitável. A fala do jovem não nos traz uma ideia concreta de qual seria a narrativa construída pela juventude sobre o fim do mundo⁴. A esse respeito, Stiegler afirma que “[p]oderia ser visto como o auto-extermínio da humanidade por meio de uma guerra mundial final. Poderia ocorrer por meio de uma série de acidentes apocalípticos. Também poderia ser o resultado das mudanças climáticas e seus efeitos adversos(...)” (STIEGLER, 2019, p. 11). De toda forma, o que nos é relevante quanto a esse ponto é que a extinção da humanidade faz parte do imaginário de toda uma geração como algo próximo.

Sendo assim, a parte final da fala de Florian nos alerta para a decadência de uma certa forma de projeção de futuro por razão do vislumbre do fim da humanidade. Enquanto seus antepassados constituíram suas expectativas pautados no progresso da mentalidade burguesa, os jovens contemporâneos se vêm incapazes de constituir perspectivas positivas, porque estão certos de que seu horizonte não é o de constituição de uma família ou de acumulação de bens, tendo em vista o ocaso da raça humana. A motivação disso ainda não fica clara, todavia o trabalho que Stiegler se propõe a fazer em sua obra sobre a disrupção é exatamente destrinchar a era contemporânea a partir e por meio da fala do jovem.

³ O quinto curso de verão da escola de filosofia Pharmakon.fr, encabeçada por Stiegler, tem por dedicatória Florian e seus congêneres. Ver: https://pharmakon.fr/wordpress/academie-dete-de-lecole-de-philosophie-depineuil-le-fleuriel/academie-dete-2015/#_ftn5. Acesso em: 19/07/22.

⁴ “O fim do mundo é um tema aparentemente interminável - pelo menos, é claro, até que ele aconteça” (DANOWSKI. & VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 15). A frase de abertura do livro chama atenção para as inúmeras possibilidades de se tratar a temática, sejam elas abordagens filosóficas, antropológicas ou da ficção. No entanto, o que é relevante aqui não é exatamente qual seria ou como se constituiria o imaginário de Florian sobre o que chama de “o fim”, mas sim notar que está presente em seus pensamentos.

1.2.1 História do termo “disrupção”

O livro “*The Age of Disruption: Technology and Madness in Computational Capitalism.*” (STIEGLER, 2019) tem por objetivo discutir a contemporaneidade à luz das grandes mudanças paradigmáticas próprias do século XXI. Com o objetivo de observar de perto as transformações promovidas pela ubiquidade tecnológica, Stiegler denomina esse momento da nossa História de “Era da Disrupção”. Num primeiro momento, torna-se necessário fazer um trabalho definatório para compreensão do termo “disrupção”. Por isso, iremos discutir seu significado, seu uso frequente e a forma como Stiegler caracteriza o conceito.

O termo “disrupção” tem raiz no latim *disruptio*⁵, fazendo referência no português a um “[a]to ou efeito de romper(-se); dirupção, fratura” e também a uma “[q]uebra de um curso normal de um processo”. É possível perceber aqui a ruptura abrupta, veloz e violenta que advém da definição da palavra de forma isolada. Tais características ganham ainda mais relevância quando exploramos o uso do conceito em áreas diversas do saber.

Nesse sentido, encontramos o termo “tecnologias disruptivas” preliminarmente na literatura acadêmica da área de negócios. O artigo de 1995 “*Disruptive Technologies: Catching the Wave*” (BOWER e CHRISTENSEN, 1995) é citado constantemente na Academia devido a seu ineditismo na caracterização de empreendimentos que viriam a se tornar cada vez mais comuns no presente século. É nesse sentido que a expressão “inovação disruptiva” se solidifica enquanto um jargão, utilizado frequentemente no universo empresarial e correlatos.

O artigo em questão se utiliza de estudos de caso bastante conhecidos para caracterizar o conceito de “inovação disruptiva”. Tais estudos chamam atenção por citarem empresas de altíssima relevância que perderam espaço no mercado (ou mesmo foram a ruína, em certos casos) após mudanças que foram incapazes de antever. Um dos exemplos é o da prestigiada IBM, importante empresa de informática estadunidense, que dominou o mercado industrial durante anos,

⁵Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/disrup%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 20/08/22.

fornecendo produtos de altíssima tecnologia, mas que não percebeu inicialmente o potencial emergente de computadores de médio porte (minicomputadores)⁶. Nesse sentido,

(...) os grandes clientes comerciais, governamentais e industriais da IBM não viram uso imediato para minicomputadores. Em cada caso, as empresas ouviram seus clientes, deram a eles o desempenho do produto que procuravam e, no final, foram prejudicadas pelas próprias tecnologias que seus clientes as levaram a ignorar.⁷ (BOWER e CHRISTENSEN, 1995, p.44, tradução nossa)

Portanto, o foco excessivo em tecnologias específicas para um grupo de clientes fez com que outros mercados promissores não sejam notados pelas empresas em questão. Os computadores de grande porte comercializados pela IBM serviam muito bem a sua freguesia, que necessitava daquela alta capacidade de processamento, enquanto dispunha do espaço necessário para manter uma máquina de grande porte. Todavia, computadores de menor porte abriram a possibilidade de gradualmente surgirem produtos de menor capacidade de processamento, mas com grande potencial mercadológico, porque atendiam às necessidades e orçamento de outros tantos indivíduos deixados de lado anteriormente.

É importante notar que enquanto houve negligência por parte da IBM, existiram empresas capazes de notar o potencial de computadores de menor porte. Mesmo que naquele momento não houvesse um mercado formado, empresas como *Wang e Data General* investiram em produtos que acabaram por ir de encontro à necessidade e ao bolso de seus clientes. Quer dizer, ouvir os desejos da freguesia não é o suficiente para garantir permanência e competitividade. É necessário também ser capaz de antever (ou mesmo de criar) novos mercados que satisfaçam desejos de uma potencial clientela.

Nas palavras de Bower e Christensen,

(...)“[d]isrupção” descreve um processo pelo qual uma empresa menor com menos recursos é capaz de desafiar com sucesso os negócios estabelecidos. Especificamente, enquanto as operadoras estabelecidas se concentram em melhorar seus produtos e serviços para seus mais exigentes (e geralmente mais

⁶ O exemplo que daremos nos próximos parágrafos da evolução da indústria de computadores possibilita a compreensão da proposta de Bower e Christensen de forma prática. Não é nosso objetivo aqui passar por cada fase desse processo, mas sim observar aqueles estágios mais relevantes com a finalidade de compreender o conceito de disrupção no escopo desses autores.

⁷ “(...)IBM’s large commercial, government, and industrial customers saw no immediate use for minicomputers. In each instance, companies listened to their customers, gave them the product performance they were looking for, and, in the end, were hurt by the very technologies their customers led them to ignore”. (BOWER E CHRISTENSEN, p.44, 1995)

rentáveis) clientes, elas excedem as necessidades de alguns segmentos e ignoram as necessidades de outros. Os ingressantes que se mostram disruptivos começam por focar com sucesso nesses segmentos negligenciados, conquistando uma base ao fornecer funcionalidades mais adequadas - geralmente a um preço mais baixo. As operadoras estabelecidas, que buscam maior lucratividade em segmentos de maior demanda, tendem a não responder com vigor. Os ingressantes se movem para um segmento mais alto, oferecendo o desempenho que os clientes das empresas tradicionais exigem, enquanto preservam as vantagens que impulsionaram seu sucesso inicial. Quando os clientes tradicionais começam a adotar as ofertas dos ingressantes em volume, ocorreu uma ruptura.⁸ (CHRISTENSEN, RAYNOR e MCDONALD, 2015, p. 4, tradução nossa)

Portanto, reside nessa definição de ruptura a ideia da ruptura de um ciclo comum, que já havíamos comentado. Além disso, uma compreensão mais profunda do termo nos mostra que tais mudanças passam necessariamente pelas inovações tecnológicas que começaram gradualmente a se estabelecer no último quarto do século XX. Movimentos disruptivos pressupõem uma quebra de um estado anterior de segmentos da indústria de tecnologia por meio da entrada em cena de empresas até então desconhecidas. Tais empresas passam a comercializar produtos altamente rentáveis e inovadores, capazes de mudar as regras do jogo industrial e também da sociedade como um todo, já que ocorre a introdução de novos objetos técnicos no âmbito social.

Ainda a título de exemplificação, podemos citar que atualmente a indústria de computadores pessoais é de grande relevância, exatamente porque o mercado de informática sofreu diversas transmutações ao longo dos anos, muitas delas causadas por inovações disruptivas. Um mercado de computadores de uso pessoal (PC) jamais poderia ser previsto no momento que o uso dos computadores era exclusivo de indústrias, organizações governamentais e grande comércio. Mas mesmo essa indústria já sofreu grandes mudanças nos últimos anos, devido ao crescimento do

⁸ (...) “[d]isruption” describes a process whereby a smaller company with fewer resources is able to successfully challenge established incumbent businesses. Specifically, as incumbents focus on improving their products and services for their most demanding (and usually most profitable) customers, they exceed the needs of some segments and ignore the needs of others. Entrants that prove disruptive begin by successfully targeting those overlooked segments, gaining a foothold by delivering more-suitable functionality—frequently at a lower price. Incumbents, chasing higher profitability in more-demanding segments, tend not to respond vigorously. Entrants then move upmarket, delivering the performance that incumbents’ mainstream customers require, while preserving the advantages that drove their early success. When mainstream customers start adopting the entrants’ offerings in volume, disruption has occurred. (CHRISTENSEN, RAYNOR e MCDONALD, 2015, p. 4, tradução nossa)

uso de *smartphones*, que funcionam como computadores de uso individual de bolso. Tal tecnologia, assim como tantas outras pioneiras, foi altamente negligenciada por gigantes tecnológicas, enquanto empresas como *Apple* e *Samsung* ganharam relevância precisamente por terem sido capazes de perceber o potencial dos celulares inteligentes.

Em artigo mais recente (CHRISTENSEN, RAYNOR & MCDONALD, 2015), os coautores revisitaram a discussão do artigo de 1995 observando o seu impacto tanto nas discussões acadêmicas quanto naquelas que se dão fora do espaço universitário. Segundo eles, os termos “inovação disruptiva” e “tecnologia disruptiva” hoje fazem parte do léxico do que é chamado de *popular business*. Os autores pautam sua fala em um estudo empírico de busca de palavras-chave em textos em inglês publicados recentemente, podendo ser investigado facilmente por qualquer um que tenha acesso a uma ferramenta de pesquisa como o *Google*.

Apesar da popularização do termo e conseqüente discussão como um *hot topic*, seu uso não vem sendo feito de forma cuidadosa. Na verdade, é possível que exatamente por terem se tornado populares, as ideias de tecnologia e inovação disruptiva, venham sendo empregadas de forma apressada e infiel a sua formulação inicial. Nesse sentido, os autores afirmam:

Infelizmente, a teoria da disrupção corre o risco de se tornar vítima de seu próprio sucesso. Apesar da ampla disseminação, os conceitos centrais [*core*] da teoria têm sido amplamente mal compreendidos e seus princípios básicos frequentemente mal aplicados. (...)

Há outra preocupação: Conforme nossa experiência, muitas pessoas que falam de “disrupção” não leram um livro ou artigo sério sobre o assunto. Muito frequentemente, usam o termo vagamente para invocar o conceito de inovação como suporte daquilo tudo que desejam fazer. Muitos pesquisadores, escritores e consultores usam “inovação disruptiva” para descrever qualquer situação em que uma indústria é abalada e empresas anteriormente bem-sucedidas cambaleiam. Mas esse é um uso muito amplo.⁹ (CHRISTENSEN, RAYNOR e MCDONALD, 2015, p. 4, tradução nossa)

⁹ “Unfortunately, disruption theory is in danger of becoming a victim of its own success. Despite broad dissemination, the theory’s core concepts have been widely misunderstood and its basic tenets frequently misapplied. (...)

There’s another troubling concern: In our experience, too many people who speak of “disruption” have not read a serious book or article on the subject. Too frequently, they use the term loosely to invoke the concept of innovation in support of whatever it is they wish to do. Many researchers, writers, and consultants use “disruptive innovation” to describe any situation in which an industry is shaken up and previously successful incumbents stumble. But that’s much too broad a usage.” (CHRISTENSEN, RAYNOR e MCDONALD, 2015, p. 4)

Nosso objetivo aqui não é fazer uma exploração detalhada da forma como os termos vêm sendo empregados desde 1995 até o momento atual. Nossa pretensão, na verdade, é perceber que eles ganharam relevância em diversos cenários e que isso pode apontar para uma certa conformação de mundo que vem se construindo especialmente no último século. Se na área de *business* e correlatas há aqueles que trabalham os termos de forma apressada e errônea, esta é uma questão a ser revista internamente nessa cena com o objetivo de fazer análises mais acuradas dos negócios e produzir *insights* relevantes aos empreendedores e acadêmicos da área.

Fato é que a discussão sobre a disrupção ganhou enorme relevância dentro de disciplinas preocupadas com a descrição de fenômenos sociais e políticos de nossa realidade. É no mínimo curioso que um termo que advém da área de negócios tenha chegado às Humanidades e venha sendo utilizado por autores para discutir questões pertinentes à contemporaneidade. Seu uso em cenários acadêmicos, como o filosófico, ganhou outra conotação, porque traz consigo outros objetivos, não configurando de forma alguma um uso apressado e mal feito, como é denunciado na última citação. Pelo contrário, a análise do processo disruptivo passa por trabalhos requintados de definição e investigação por parte de acadêmicos de várias partes do mundo, sendo Stiegler um deles.

1.2.2

A Era da Disrupção stiegleriana

Antes de avançarmos na discussão, é válido fazer mais algumas observações sobre a disrupção stiegleriana *versus* a inovação disruptiva. Em primeiro lugar, contrapor tais definições não busca compreender qual delas teria maior exatidão, mas sim buscar em ambas possibilidades de interpretação da fala do jovem Florian e do mundo que partilha com seus pares. Também, é importante ressaltar que não pretendemos neste momento trabalhar com a exploração filosófica da temática da disrupção através das obras de diferentes autores contemporâneos. Embora extremamente interessante, uma análise desse tipo corre o risco de desviarmos de nosso objetivo inicial supracitado.

Isso posto, nosso autor francês dedica um livro inteiro de sua vasta obra à discussão da ideia de uma Era da Disrupção. Grande parte de seu trabalho é de caráter definitório, na tentativa de delimitar o que seria disrupção no contexto de sua literatura. Também, é discutido extensivamente como a contemporaneidade pode ser pensada a partir desse conceito. Nesse sentido, é relevante observar a forma como Stiegler esboça a primeira tentativa definitória em seu livro:

A disrupção se move mais rápido do que qualquer vontade, seja individual ou coletiva, de consumidores a “líderes”, sejam políticos ou econômicos. Assim como alcança os indivíduos por meio de duplês [*doubles*] ou perfis digitais com base nos quais satisfaz “desejos” que provavelmente sequer foram expressos – mas que na realidade são substitutos semelhantes a rebanhos que privam os indivíduos de sua própria existência, sempre precedendo sua vontade, ao mesmo tempo esvaziando-os de sentido, enquanto alimentam os modelos de negócios da *data economy* – assim também a disrupção supera e ultrapassa as organizações sociais, mas estas só reconhecem isso depois do fato: sempre tarde demais.¹⁰ (STIEGLER, 2019, p. 8, tradução nossa)

Já na primeira caracterização é possível perceber a mudança de tom no que diz respeito à definição da disrupção com relação ao trabalho feito pelos autores da área de negócios. Novamente, é relevante dizer que a diferente caracterização do termo por Stiegler não configura uma má interpretação do pensamento de acadêmicos de cenas distintas do discurso universitário. O que o autor francês pretende fazer é englobar o conceito em sua discussão a partir de uma extensa redefinição, com o objetivo de construir uma análise minuciosa das condições sociais, políticas e filosóficas da existência contemporânea.

Somos capazes de perceber algumas interessantes similaridades entre as discussões. Inicialmente, já é possível notar que a violência se faz presente em ambas as definições de disrupção. Quando falamos sobre inovação disruptiva, falamos sobre grandes empresas destronadas por empresas de menor porte que tomam para si uma fatia do mercado de forma feroz. Stiegler, na mesma linha, fala de uma força capaz de modificar a forma como as coisas se dão, sem piedade, de forma rápida e abrasiva.

¹⁰ “Disruption moves quicker than any will, whether individual or collective, from consumers to ‘leaders’, whether political or economic. Just as it overtakes individuals via digital doubles or profiles on the basis of which it satisfies ‘desires’ they have most likely never expressed – but which are in reality herd-like substitutes depriving individuals of their own existence by always preceding their will, at the same time emptying them of meaning, while feeding the business models of the data economy – so too disruption outstrips and overtakes social organizations, but the latter recognize this only after the fact: always too late.” (STIEGLER, 2019, p. 8)

Outra similaridade muito relevante é aquela que diz respeito à própria tecnologia. Como já havíamos comentado, a caracterização da disrupção como um processo de mudança nas regras do jogo de um mercado estabelecido faz sentido quando olhamos para a história de diversas inovações tecnológicas (como fizemos com o breve exemplo dos minicomputadores). Na mesma linha, a primeira definição de Stiegler chama nossa atenção para as novíssimas tecnologias, ao citar perfis digitais e fundamentos da economia de dados. Igualmente, enfatiza o papel delas na criação e posterior satisfação de desejos que sequer existiam anteriormente, algo que também é caracterizado como característica fundamental da formulação de Bower e Christensen.

Nesse ponto da discussão, é natural questionar quais exatamente seriam essas tecnologias capazes de causar tamanha mudança na sociedade em nosso século. Também, exatamente em que sentido elas seriam capazes de causar transformações sociais e políticas tão profundas. Stiegler está plenamente ciente de ambos os questionamentos e se concentra em respondê-los de forma detida.

Quando falamos sobre a presença dos aparatos técnicos na vida diária dos indivíduos, é impossível não remeter a discussões anteriores da Filosofia acerca do *broadcast* televisivo. Todavia, apesar desse ser um debate importantíssimo¹¹, a grande preocupação de Stiegler em seu livro de 2019 é com o momento de radicalização. Quer dizer, a introdução da televisão no século passado foi capaz de gerar mudanças sociais inúmeras das quais é relevante se ocupar. Porém, quando falamos sobre a introdução do digital, especialmente na última década, falamos sobre aparatos móveis que tornam a tecnologia presente de forma ininterrupta e abrasiva em nosso dia-a-dia.

Por isso, é possível afirmar que as tecnologias com as quais o filósofo está preocupado nesse momento são as inovações do século XXI. É evidente que não se refere aqui simplesmente à invenção do computador ou talvez da *World Wide Web* no início dos anos 90. Sua inquietação se concentra especificamente no estágio de desenvolvimento no qual as conformações tecnológicas são extremamente voláteis, no sentido de que as inovações são inúmeras e extremamente velozes.

¹¹ Stiegler discute esse assunto de forma mais detida em seu livro sobre o cuidado com as gerações (STIEGLER, 2007), num momento em que a indústria de programas de televisão na França representava, segundo ele, uma grande ameaça à formação do aparato cognitivo e, portanto, ao desenvolvimento de mecanismos de atenção das crianças francesas.

Isso posto, é válido também analisar uma outra definição de disrupção dada por Stiegler um pouco mais à frente no desenvolvimento de seu livro:

Condenados a afundar em um automatismo cego e fechado em si, (...) este puro, simples e absoluto capitalismo computacional, este capitalismo radicalizado, engendra de forma reativa radicalizações de todo tipo, sendo capaz ainda de produzir um aumento extremo da entropia no planeta, provocando um desespero global que planta a semente de todas as formas de loucura. A disrupção se tornou uma estratégia não só de choque, mas de caos, é um extraordinário acelerador do “*shift*” planetário e é, dessa forma, ela mesma, literalmente a loucura.¹² (STIEGLER, 2019, p. 38, tradução nossa)

O autor chama atenção na citação acima para um “capitalismo computacional” em seguida também caracterizando-o como um “capitalismo radicalizado”. Aqui já percebemos a presença do digital como grande causador de mudanças sociais, já que traz os aparatos tecnológicos para o centro da vida diária humana¹³. Essa forma de convivência com os objetos técnicos é inédita e, por isso, capaz de gerar transmutações que seríamos incapazes de prever em momentos anteriores de nossa História. A caracterização deste como um momento de radicalidade é totalmente coerente quando levamos em conta que podemos falar pela primeira vez de uma ubiquidade (onipresença) da tecnologia.

Portanto, fica claro que Stiegler observa a radicalização de um processo que já se desenrolava na sociedade. Também percebe-se que esse processo tem uma relação direta com a sua definição de disrupção. Por esse motivo, iremos explorar a ideia de desajuste (e conseqüentemente de ajuste) do sistema técnico aos sistemas sociais:

Uma mudança no sistema técnico sempre acarreta, inicialmente, um desajuste entre este sistema técnico e o que Bertrand Gille chamou de sistemas sociais, que até então haviam sido ‘ajustados’ ao sistema técnico precedente, e que nele formaram, junto com ele, uma ‘*epoch*’. ‘ – mas onde o sistema técnico como tal desaparece em segundo plano, esquecido como se

¹² “Doomed to sink into a blind automatism closed in on itself, (...) this purely, simply and absolutely computational capitalism, this radicalized capitalism, reactively engenders radicalizations of every kind, yet it can produce only an extreme rise of entropy on planet earth, and with it provoke a global despair bearing the seeds of all manner of madness. Disruption, having become a strategy not just of shock but of chaos, is an extraordinary accelerator of the ‘*shift*’, and is in this way itself literally madness.” (STIEGLER, 2019, p. 38)

¹³ É evidente que trata-se de uma generalização que não se reflete totalmente na realidade. É verdade que parte significativa da população não tem acesso a celulares, conexão de internet e computadores. Todavia, também é verdade que os efeitos de seu uso se estendem a toda a população de nosso planeta. Uma evidência disso são as mudanças climáticas, causadas especialmente pela emissão de gases tóxicos da indústria na atmosfera, que afetam todo o planeta Terra, não poupando regiões na periferia do desenvolvimento. Falaremos mais sobre as benesses e riscos das generalizações ao longo do desenvolvimento dos argumentos.

desaparecesse no cotidiano, assim como, para um peixe, o que desaparece de vista, como seu 'elemento', é a água.¹⁴ (STIEGLER, 2019, p.13, tradução nossa)

Bertrand Gille (1920-1980)¹⁵, historiador da tecnologia, foi grande inspiração para o desenvolvimento da teoria stiegleriana da disrupção. A motivação disso é a sua interessante abordagem acerca dos sistemas sociais diante da introdução de novas tecnologias na sociedade. O autor compreende os sistemas sociais e técnicos como formulações imbricadas, causando efeitos diversos um no outro à medida que mudanças ocorrem ao longo da História.

Portanto, a introdução de uma tecnologia relevante na sociedade nunca tem um impacto restrito ao técnico. A razão disso é a própria constituição dos sistemas técnico e social, que se dão de forma interligada, justaposta e com frequência, conflituosa. Esse fato é uma excelente explicação para a observação empírica de que a tecnologia é capaz de gerar inúmeras mudanças sociais e individuais, especialmente ao prestarmos atenção nas novas mídias de nosso século.

O conflito entre os sistemas é o causador do que é caracterizado como um desajuste. O sistema técnico, que geralmente não se deixa ver perante a prevalência das atividades diárias, passa a ser visto a partir da introdução de um objeto técnico inédito na sociedade. Pensar o contrário disso seria crer que o uso de técnicas de agricultura e criação de animais no período Neolítico não teve um grande impacto na forma como a sociedade se organizava. Ou ainda, que o mundo de hoje é o mesmo de cem anos atrás, porém com a presença de *smartphones*, incapazes de gerar qualquer mudança comportamental nos indivíduos e na forma como se relacionam coletivamente.

Esse choque entre o sistema social e técnico não é só corriqueiro, mas também inevitável. Diante da introdução de tecnologias relevantes, o desajuste irá acontecer. Mais do que isso, o desajuste é desejável para que a sociedade possa se

¹⁴ “A change of technical system always initially entails a disadjustment between this technical system and what Bertrand Gille called the social systems, which had hitherto been ‘adjusted’ to the preceding technical system, and which had therein formed, along with it, an ‘epoch’ – but where the technical system as such fades into the background, forgotten as it disappears into everydayness, just as, for a fish, what disappears from view, as its ‘element’, is water.” (STIEGLER, 2019, p.13)

¹⁵ Bertrand Gille, grande influência da literatura stiegleriana, tem contribuições muito extensas, detalhadas e relevantes para o pensamento sobre a técnica, embora costume passar um tanto despercebido. Ver: GILLE, Bertrand. *Histoire des techniques: Prolégomènes à une histoire des techniques*. La Pléiade, 1978.

reorganizar diante de avanços técnicos, progressivamente mudando a forma como se vivia anteriormente. O problema desse processo só se apresenta quando não ocorre um reajuste entre os sistemas. A não-presença desse momento é uma das formas pelas quais Stiegler explica sua teoria da disrupção.

Nesses termos, a disrupção seria o momento em que a sociedade não é capaz de se reorganizar diante de mudanças tecnológicas. A instabilidade causada pelo impacto inicial da introdução de um objeto técnico não cessa, causando uma sensação de total infixidez, explicitada por nossa personagem Florian. O motivo pelo qual o desejado reajuste não acontece é a quantidade de inovações, as quais o social se vê impossibilitado de absorver num período curto de tempo. A velocidade com a qual o sistema técnico produz é muito acima daquela com que o sistema social é capaz de integrar. Esse fato nos mostra que há uma conexão inegável entre os sistemas, todavia a imbricação de ambos tem por causa uma diferença na forma como funcionam de forma separada.

Nessa seção, buscamos discutir o conceito de disrupção em Stiegler. Para tal, foi preciso primeiro observarmos como o termo atravessou a área de negócios, se popularizou e aterrissou na área das Humanidades. Em seguida, vimos alguns dos mecanismos que são utilizados pelo autor francês para definir o termo ao longo de sua obra, de forma que sejamos capazes de explorar a relação entre a disrupção - enquanto uma condição de existência contemporânea - e a fala do jovem Florian.

2.

“Devir sem futuro”: protensão no fim dos tempos

Um conceito especialmente caro a Stiegler, se fazendo, por isso, presente em suas obras que versam sobre o futuro, é o de protensão (*protention*). Na discussão acerca da realidade de Florian e seus pares de geração, a ideia se mostra bastante relevante devido à preocupação latente do jovem com o porvir. Nesse sentido, é necessário observar a forma como o autor contextualiza o termo especificamente na discussão sobre a qual seu livro sobre a disrupção versa (STIEGLER, 2019):

Na linguagem da fenomenologia, e voltando às questões da analítica existencial de Martin Heidegger, podemos dizer que, para Florian, não há protensão coletiva positiva possível: não há outra protensão senão o fim de toda protensão, isto é, de todos os sonhos e de toda possibilidade de realizá-los. A visão do mundo e do futuro de Florian está inteiramente sujeita a uma protensão absolutamente negativa: o desaparecimento total da raça humana.¹⁶ (STIEGLER, 2019, p. 10, tradução nossa).

Na definição acima nos fica claro que a conceituação de protensão em questão tange às ideias de projeção, sonhos e possibilidades. O termo, herdado da tradição fenomenológica e remontado¹⁷ ao pensamento de M. Heidegger (1889-1976), tem uma forte ligação com a vaga, porém tão corriqueira, noção de futuro. Stiegler define de forma simplificada as protensões como sendo “(...) expectativas em todas as suas formas” (STIEGLER, 2019, p. 332, tradução nossa), duas destas sendo evocadas em sua argumentação, a saber, a noção de protensão coletiva e de protensão negativa.

A protensão coletiva, faz referência a expectativas compartilhadas entre grupos de pessoas. Apesar de não haver no trecho analisado uma explicitação maior

¹⁶ “Expressing this in the language of phenomenology, and returning to questions emerging from Martin Heidegger’s existential analytic, we could say that for Florian, no positive collective protention is possible: there is no protention other than the end of all protention, that is, the end of all dreams and any possibility of realizing them. Florian’s vision of the world and of his future is entirely subject to an absolutely negative protention: the complete disappearance of humankind” (STIEGLER, 2019, p. 10)

¹⁷ Apesar da escolha de Stiegler de caracterizar o conceito a partir da obra de Heidegger no trecho que analisamos, é importante ressaltar a centralidade de Edmund Husserl (1859–1938) nas caracterizações de termos como retenção (*retention*) e protensão (*protention*) (HUSSERL, 1991), apesar dos dois conceitos serem, na verdade, já derivados de Brentano (1838-1917).

a esse respeito, é possível associarmos a ideia de projeções coletivas com a forma como a *epoch* é definida por Stiegler. Nesse sentido, o autor afirma que “indivíduos de uma mesma *epoch* e de uma mesma cultura têm, se não praticamente as mesmas expectativas, pelo menos um horizonte comum de convergência de suas expectativas, formando uma infinidade de protensões comuns de um futuro comum” (STIEGLER, 2019, p. 18, tradução nossa). Portanto, evoca-se a ideia de um futuro comum, compartilhado de forma intra e intergeracional entre pessoas de uma mesma comunidade. Uma discussão sobre as ideias de geração e cultura se faz presente de forma pormenorizada na terceira seção deste trabalho, não sendo proveitoso para a argumentação do capítulo atual estender tal questão. Nesse momento, o que nos é mais relevante é notar a ideia de projeções de realidade compartilhadas.

Também, Stiegler introduz a noção de uma protensão negativa. Poderíamos vir a crer que protensões coletivas sempre são positivas, ou seja, que grupos sempre projetam um futuro para seus pares de geração e para as gerações mais jovens que a sua. No entanto, o autor traz para o centro da discussão o caso da protensão negativa, presente em casos de imaginários coletivos de um paradoxal “devir sem futuro” (STIEGLER, 2019, p. 173, tradução nossa), caracterizado como o fim da humanidade terrestre.

Vale dizer que a composição das duas noções - de protensão coletiva e protensão negativa - é o mais relevante para essa discussão. Quer dizer, é possível falar sobre uma protensão coletiva negativa ao evocamos a fala do jovem Florian, que além de projetar um fim para si, entende que toda a sua geração compartilha desse destino. Imaginários de fim do mundo, por definição, representam uma tentativa de imaginar um destino coletivo (arraigando, muitas vezes, noções dicotômicas de mundo e humano), apresentando variações a respeito da motivação, da influência humana, da continuidade ou não de um planeta independente do ser humano etc...

Isso posto, agora nos é válido fazer um trabalho de pormenorização de conceitos-chave da discussão sobre a protensão negativa do jovem Florian, iniciando pela vaga, porém tão relevante, noção de projeção de futuro. Em seguida, observaremos a visão de futuro de nossos antepassados recentes (que ainda guarda tantos vestígios em nós), marcada pelo conceito de progresso, característica do século XVIII até ao menos o último quarto do século XX. Para finalizar, falaremos

sobre como nossas projeções se modificaram de lá para cá, de maneira a formatar a fala de nossa personagem.

2.1

Definição das categorias temporais

Planejar o futuro é algo tão corriqueiro em nossa experiência humana que sequer nos damos conta de o estar fazendo. Separamos a roupa do trabalho no dia anterior, colocamos a comida do almoço para descongelar assim que levantamos da cama pela manhã, tiramos a roupa do varal após assistir o noticiário que nos avisa que irá chover nas próximas horas. Situações banais como essas nos rodeiam a todo o tempo, colocando os nossos conceitos de presente e futuro em uma relação inegavelmente intrincada.

Nossa capacidade de planejar um futuro próximo é parte do que torna possível viver em uma sociedade tão marcada pelo controle do tempo. Também, contamos com projeções de futuros mais distantes como forma de planejamento e de manejo de nossas expectativas com relação a nós mesmos e ao que nos rodeia. É porque somos capazes de projetar para muito além de nossa finita visão¹⁸ do “aqui e agora” que perguntamos a nossos pequenos sobre sua profissão de desejo, plantamos árvores que não veremos crescer e estudamos para daqui a alguns anos nos tornarmos mestres(as) e doutores(as).

Como é de costume ocorrer, algo que nos é demasiado corriqueiro tende a ser “(...) esquecido como se desaparecesse no cotidiano, assim como, para um peixe, o que desaparece de vista, como seu 'elemento', é a água” (STIEGLER, 2019, p.13, tradução nossa). Parte da atividade filosófica é trazer aquilo que tornou-se banal para o centro de nossa atenção, de forma que sejamos capazes de extrair dele mais do que a superfície nos mostra. É a partir disso que seremos capazes de compreender a ideia de futuro que Florian nos mostra de forma aflita, ainda que aos sussurros.

¹⁸Isso sem citar as diversas formas de predição de futuro que nos rodeiam e interessam dos mais céticos aos mais ecléticos, tais quais o horóscopo, tarô, adivinhação e mesmo métricas que contam com maior respaldo científico, como é o caso das pesquisas eleitorais e previsões econômicas. Podemos nomear essas duas categorias, respectivamente, como profecias e prognósticos.

O trabalho de Koselleck (2006) é de suma relevância¹⁹ para nossa discussão. O autor trabalha com duas categorias históricas: o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. A princípio podemos pensar que tratam-se de completos opostos, todavia a relação entre essas categorias se dá de uma forma que uma não é uma alternativa a outra, elas coexistem e se atravessam a todo momento. Nas palavras do historiador:

Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência — pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação — são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã. Com isso chego à minha tese: experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político. (KOSELLECK, 2009, p. 308)

Na mesma linha que Koselleck, acreditamos que as duas categorias são adequadas para a presente discussão. Quanto à definição de “espaço de experiência”, o autor põe de lado temporariamente a corriqueira e, portanto tão banalizada, noção de presente. A motivação disso não é uma mera pomposidade, mas sim a necessidade de compreender o chamado “tempo presente” como um lugar²⁰ que reúne experiências advindas de situações vividas no passado pelo próprio indivíduo e também pela comunidade da qual faz parte. Quer dizer, o agora nunca é “puro” de realidade presente, ele sempre traz consigo a semantização de eventos que o precedem, seja o sujeito sua testemunha direta ou não.

Já o conceito de “horizonte de expectativa” vai de encontro ao conceito de protensão, sendo capaz, ainda, de enriquecer a definição que nos foi dada por Stiegler: “[e]sperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem” (KOSELLECK, 2009, p. 310). Quanto ao horizonte, o autor entende que “(...) quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço

¹⁹ O subtítulo de sua obra por si só já explica sua importância para uma discussão sobre a significação de termos como futuro, passado, horizonte de expectativa e espaço de experiência: “Contribuição à semântica dos tempos históricos” (KOSELLECK, 2009).

²⁰ “O tempo, como se sabe, de qualquer modo não pode ser expresso a não ser em metáforas espaciais, mas evidentemente é mais claro falar-se de ‘espaço de experiência’ e de ‘horizonte de expectativa’ do que do contrário, de ‘horizonte de experiência’ e ‘espaço de expectativa’, embora estas expressões também não deixem de ter sentido. O que aqui importa é mostrar que a presença do passado é diferente da presença do futuro.” (KOSELLECK, 2009, p. 310 - 311)

de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado” (KOSELLECK, 2009, p. 311).

É evidente que dentre os dois conceitos, o de maior relevância para nossa discussão seria o de horizonte de expectativa. No entanto, é impossível pensar a expectativa de futuro sem refletir sobre como ela incide no nosso presente, no nosso espaço de experiência. A forma desesperançosa como Florian enxerga a linha do horizonte que se apresenta a ele muda sua forma de pensar a sua realidade, pautando as suas ações num imaginário de fim de mundo. Uma pessoa que percebe hoje a perspectiva de uma catástrofe como sendo parte de seu destino será incapaz de conduzir sua vida da forma que conduzia anteriormente, seus hábitos, suas necessidades e, principalmente, suas prioridades, são transmutadas. A raiz dessa questão reside exatamente no emaranhado constitutivo existente entre expectativa e experiência:

As expectativas podem ser revistas, as experiências feitas são recolhidas. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro. Mas uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma. É claro que nossa expectativa do futuro, quer seja portadora de esperança ou angústia, quer preveja ou planeje, pode refletir-se na consciência. Nesse sentido, a expectativa também pode ser objeto de experiência. (...) O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas.

Insisto: não se trata, pois, de simples conceitos opostos. Pelo contrário, eles indicam maneiras desiguais de ser, e da tensão que daí resulta pode ser deduzido algo como o tempo histórico. (KOSELLECK, 2009, p. 311 e 312)

Dessa forma, podemos afirmar que o horizonte de expectativa de Florian (e supostamente de seus pares) se configura em seu espaço de experiência enquanto é afetado por este e também o afeta. A relação simbiótica dos tempos históricos nos ajuda a compreender o significado de protensão enquanto uma forma de enxergar - mas também de estar - no mundo, que se constitui por fatores inúmeros e constituirá quantos mais for possível. Se nosso jovem personagem se sente desolado frente a seu destino, ele se sente assim no hoje e, da mesma maneira, a necessidade de pensar a realidade de uma juventude desesperançosa precisa se dar de imediato, todavia, calmamente, sem se esquecer das tantas camadas inerentes ao “agora”.

2.2

O futuro de ontem e de hoje

Contando com uma melhor definição de conceitos centrais para nossa discussão, como horizonte de expectativa e protensão²¹, podemos discutir de forma mais minuciosa a fala do jovem Florian. O adolescente, nos termos de Stiegler, está afundado na protensão negativa, projetando suas expectativas a partir e através da iminência de um fim do mundo. Tal visão nos leva a indagar sobre a forma como seus pares de geração fazem essa projeção. Mais do que isso, nos leva a questionar sobre a maneira como as diferentes gerações pensavam a esse respeito em momentos diferentes da História.

Por isso, levantaremos algumas posições interessantes sobre como a sociedade se comportava com relação a suas expectativas em séculos anteriores. Também, investigaremos a transmutação das protensões coletivas vivida mais recentemente, nos aprofundando em possíveis razões para esse processo. Seremos capazes, portanto, de mergulhar mais profundamente na discussão de Florian sobre a protensão cultivada por ele e seus pares, caracterizada de forma mais direta pelo seguinte trecho de sua fala: “(...) nós não temos mais o sonho de começar uma família, ter filhos, ter um negócio, ou qualquer tipo de ideais, como vocês tinham quando eram adolescentes” (L’IMPANSABLE, 2006, p. 7, tradução nossa).

O historiador R. Koselleck (KOSELLECK, 2006) é capaz de nos ajudar novamente em nossa empreitada para pensarmos o conceito de protensão numa perspectiva histórica. Ele inicia sua argumentação evocando a Europa de maioria camponesa, na qual o espaço de experiência era expressivamente marcado pela vivência dos antepassados. Ao contrário do mundo majoritariamente urbanizado do século XXI, a vida nesse período era marcada pelo contato direto dos indivíduos com o campo e, portanto, com os ciclos naturais, dos quais dependiam. Vale dizer, a realidade não era imutável, mas “[q]uando alguma coisa mudava, tão lenta e vagarosa era a mudança que a ruptura entre a experiência adquirida até então e uma expectativa ainda por ser descoberta não chegava a romper o mundo da vida que se transmitia” (KOSELLECK, 2006, p. 315).

²¹ Os quais usaremos como sinônimos daqui para frente.

Olhando a questão do ponto de vista religioso, a ideia de uma baixa mutabilidade das condições de existência se mantém. A Europa, fortemente marcada pela presença do cristianismo, contava com uma grande limitação em seu imaginário de futuro. Isso acontece devido ao fato da escatologia cristã pregar a existência de uma experiência terrena separada e hierarquicamente inferior à experiência celestial do pós-morte. Havia a expectativa da volta de Jesus Cristo e a perspectiva, portanto, de um fim do mundo que poderia se dar a qualquer momento, sendo esse um constitutivo ao mesmo tempo do horizonte de expectativa e do espaço de experiência:

De uma expectativa frustrada do fim do mundo até a seguinte passavam-se gerações, de modo que a retomada de uma profecia do fim do mundo ficava incrustada no ciclo natural das gerações. Assim, as experiências terrenas de longo prazo nunca colidiam com as expectativas, que se estendiam até o fim do mundo. Na oposição entre expectativa cristã e experiência terrena, ambas permaneciam relacionadas entre si, sem que uma fosse refutada pela outra. A escatologia podia se reproduzir, se o espaço de experiência neste mundo não se modificasse fundamentalmente. (KOSELLECK, 2006, p. 316)

Novamente, somos capazes de observar uma grande imutabilidade das condições de existência como sendo uma característica desses tempos. Isso soa um tanto quanto estranho para nós enquanto indivíduos que coexistem no século XXI, nativos da Era da Disrupção stiegleriana, ou seja, enquanto aqueles que convivem diariamente com a transmutação, com a inovação, com a velocidade. É exatamente por causa dessa experiência da mudança mais frequente e da descoberta do novo que a protensão coletiva se modifica nos séculos que se seguem.

É no século XVIII que o conceito de progresso entra em cena, tendo Kant (1724-1804) como um dos principais expoentes e causando uma alteração expressiva na forma de se projetar horizontes. Observando de perto a Revolução Francesa e seus efeitos, o autor constituiu seu pensamento tendo por base o ideal de que experiências como essas se repetiriam no futuro. Quer dizer, foi a vivência de um momento novo, único na História, que gerou a perspectiva de que delas se seguiriam outras tantas, capazes de se acumular:

O que nos importa aqui, antes de tudo, é lembrar que o progresso estava voltado para uma transformação ativa deste mundo, e não do além, por mais numerosas que possam ser, do ponto de vista intelectual, as conexões entre o progresso e uma expectativa cristã do futuro. A novidade era a seguinte: as expectativas para o futuro se desvincularam de tudo quanto as antigas experiências haviam sido capazes de oferecer. E as experiências novas, acrescentadas desde a colonização ultramarina e o desenvolvimento da ciência e

da técnica, já não eram suficientes para servir de base a novas expectativas para o futuro. A partir de então o espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa. Os limites de um e de outro se separaram. (KOSELLECK, 2006, p. 318)

Com o conceito de progresso é estabelecida pela primeira vez uma diferenciação clara entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. É a partir desse ponto da nossa História que a realidade futura não pôde mais ser deduzida da experiência, tendo em vista a mudança sócio-política tão expressiva e inesperada - tomando por base as experiências passadas - que a Revolução Francesa representa. Também é preciso ressaltar a existência de grande desenvolvimento técnico no final do século XVIII, o que contribuiu significativamente para o imaginário de melhoria crescente de condições de existência.

Um autor relevante para a discussão na qual estamos nos aprofundando é Franco Berardi, escritor do livro de título inegavelmente paradoxal “Depois do Futuro” (BERARDI, 2019). O que pode parecer inicialmente mero chamariz, é na verdade um bom resumo da temática da obra, que pretende discutir a forma como a expectativa se constitui de maneiras distintas a depender do contexto histórico no qual os indivíduos estão inclusos. Leva-se em conta também que o modo pelo qual hoje se espera pelo porvir traz consigo vestígios de como nossos antepassados recentes, como pais e avós, imaginavam o horizonte. Nesse sentido, Berardi se propõe a “(...) escrever um livro sobre o futuro do passado, ou sobre o passado do futuro” (BERARDI, 2019, p.74) de maneira a dar conta da forma como diferentes gerações de pessoas pensam e pensaram o porvir.

Na mesma linha de Koselleck, o autor italiano percebe uma mudança significativa entre o horizonte de expectativa (termo que não utiliza, optando simplesmente por “futuro”) do mundo cristão para o mundo dos modernos. Ele compreende que a visão ligada ao cristianismo percebia o passado como o período de glória ao voltarem-se para a origem, para o tempo que Jesus Cristo andou pela Terra. Ao contrário disso, o futuro seria o momento do afastamento do homem de seu Criador e, conseqüente, degradação da conduta humana. Já a modernidade,

(...)subverte completamente essa atitude. O terror do futuro é substituído pela espera, pela esperança, pela certeza de que a acumulação de saber produz progresso. Desde que Francis Bacon declara que conhecimento é poder, desde que a burguesia aposta no retorno de seus investimentos e no aumento do capital, desde que o tempo histórico pode ser descrito como tempo de

crescimento econômico e de progresso de civilização, o futuro adquire um tom novo. (BERARDI, 2019, p. 94)

O autor afirma que a visão do porvir dos modernos se baseava em dois alicerces complementares bastante próprios do período ao qual estavam inseridos, a saber: o conhecimento científico e a técnica. A Ciência tornava possível conhecer o mundo de forma plena e confiável, a partir da formulação de suas leis. Enquanto isso, a evolução da técnica demonstrava que a realidade pode ser modificada segundo a vontade humana, a partir da indústria capitalista. Nesse sentido,

[a] modernidade não se limita a acreditar na existência do futuro, na continuidade de um tempo que segue o tempo presente. Os modernos acreditam que o futuro seja confiável, espera-se do futuro a realização das promessas do presente (...). A modernidade forma com a projeção progressiva do futuro uma unidade indivisível. Modernos são aqueles que vivem o tempo como esfera do progresso rumo à perfeição, ou pelo menos, a uma condição cada vez melhor, mais feliz, mais rica, mais plena, mais justa. (BERARDI, 2019, p.21-22)

Logo, podemos afirmar que a mentalidade dos modernos é tomada de otimismo e de esperança com relação a seu futuro. Tendo em vista o momento histórico no qual a técnica e a Ciência pareciam dar respostas às suas perguntas, a projeção dos anos e séculos que se seguiriam não poderia ser diferente de uma visão tomada por uma expectativa de melhoria de condições existenciais, por meio da intervenção humana nos diversos processos terrestres. Pode-se dizer, portanto, que a expectativa da modernidade era tomada por um suposto controle diante da realidade presente. Realidade essa totalmente modificável, levando em consideração o pressuposto de um progresso técnico-científico contínuo.

2.3

Horizonte de Expectativa dos tardomodernos

Como a seção anterior nos mostrou, a forma como projetamos o futuro hoje é bastante diferente de como nossos antepassados recentes - e aqueles nem tão recentes - o faziam. A justificativa para isso nos é apresentada por Berardi a partir de sua definição de futuro como “(...) espaços que não conhecemos ainda e que precisamos descobrir, explorar.” (BERARDI, 2019, p. 19), mas a maneira de

percebê-lo “se forma e se transforma no curso da história.” (BERARDI, 2019, p. 21). Espera-se que as grandes mudanças sociais dos últimos tempos tenham grande impacto na constituição do horizonte de expectativa, transmutando pelo menos em parte a quimera dos últimos séculos.

É relevante reiterar que o horizonte de expectativa da modernidade era tomado por uma concepção bastante própria do período em questão. Segundo Berardi, os modernos pensavam o que está por vir a partir de correntes lógicas de necessidade. Isso significa que a realidade futura estaria contida no presente, como se ele estivesse “grávido” daquilo que veríamos se realizar. Quer dizer, o futuro seria consequência lógica do que estamos a experimentar no momento presente, porque o real teria as premissas do porvir implícitas em si.

É o ano de 1977 que, de acordo com Berardi, marca o início de uma grande bifurcação entre a visão de futuro dos modernos e dos vindouros tardomodernos²². São dados diversos motivos que atribuem a esse ano em específico (e não a um outro qualquer) a responsabilidade pela cisão da forma de projetar o além do horizonte. Enumerar cada uma das motivações citadas no livro seria demasiado laborioso e fugiria de nosso objetivo. Relevante aqui é somente explicitar que 77 foi marcado por diversas inovações técnicas que geraram mudanças políticas e sociais significativas, sendo a principal delas a diminuição do contato físico humano (caracterizada como um processo de “descarnalização”), em detrimento do aumento do contato com as interfaces eletrônicas,²³ com o alargamento da influência da mídia televisiva.

Tal mudança social tem consequências inúmeras para a vida humana. A matematização e subsequente algoritmização da existência - por meio da ampliação da presença das mídias na rotina das pessoas - trazem para o seio da existência do indivíduo contemporâneo a estatística, tendo por consequência nefasta a repetição, a geração do idêntico (popularmente caracterizado como “mais do mesmo”):

²² Termo utilizado pelo autor ao se referir aos indivíduos contemporâneos.

²³“A geração que vem ao mundo nos anos 1980 está destinada a ser a primeira geração videoeletrônica, a primeira que se forma em um ambiente em que a mídia prevalece sobre o contato com o corpo humano. (...) Assim, prepara-se, nas duas últimas décadas do século XX, a mutação cognitiva. O organismo é sensibilizado ao código e, assim, predisposto à conexão, à interface permanente do universo digital.

Em 1977, houve a repentina tomada de consciência do fato de que a História é a história de automatismos irreversíveis. O que o capitalismo escreveu no corpo e na mente humana tornou-se parte do código genético” (BERARDI, 2019, p.88).

Como pode haver futuro quando tudo já está descrito? A técnica, divindade benéfica da qual o futurismo esperava a beleza, a velocidade, a riqueza e, sobretudo, o futuro, revelou-se uma divindade despótica que anula o futuro, transformando o tempo em repetição, em ilimitada geração de fragmentos idênticos. (BERARDI, 2019, p.99)

O progresso técnico previsto pela Ciência moderna de fato se manifestou na contemporaneidade. Todavia, o alargamento da incidência da mídia na vida diária demonstra ao indivíduo contemporâneo que o controle da realidade não passa de uma ilusão. Uma característica pouco previsível da hipermídia é o fato de que ela é capaz de homogeneizar comportamento, imaginação e vontades. Do ponto de vista existencial, se o futuro fosse uma consequência lógica do presente, ele se apresentaria como uma realidade precarizada, indesejável, reduzida, ao contrário do imaginário do progresso técnico-científico de outros momentos de nossa História.

Nesse sentido, a ideia de precarização se mostra bastante significativa²⁴ para a obra de Berardi. O autor afirma que a precarização da vida do trabalhador contemporâneo torna-se manifesta diante da promessa de um progresso infinito da técnica que, na verdade, só aumentou a precariedade do emprego e dos lucros do empregador. Portanto, do ponto de vista econômico, podemos dizer que o último quarto do século XX e o século XXI tornam evidente que a tecnologia se complexifica e traz consigo inúmeras benesses sociais, todavia, ao ser tomada pela iniciativa capitalista, torna-se ao mesmo tempo ferramenta de alargamento da desigualdade social.

A marcante bifurcação entre a modernidade e a contemporaneidade (ao menos a partir do final do século passado) se pauta principalmente na percepção de que o conhecimento científico e a técnica não nos garantem controle diante do que está por vir. A Ciência é incapaz de conhecer todos os caminhos, como se o futuro fosse mera consequência lógica do presente manifesto. Ao mesmo tempo, a técnica, que de fato permite modificações bastante abrangentes (mas não ilimitadas, tendo em vista a própria condição planetária) na realidade, nem sempre causará mudanças positivas para a vida individual e social, tornando evidente a precariedade da vida humana na hegemonia do capital.

Retornando a nossa personagem Florian, é perceptível o efeito que as mudanças sociais e políticas - consequência direta ou indireta do avanço da técnica

²⁴ Vide a intitulação do capítulo 4 de “Depois do Futuro” (BERARDI, 2019): “Futuro Precário”.

contemporânea - são capazes de gerar no horizonte de expectativas dos indivíduos. O jovem é capaz de expressar em palavras o que tantos de nós somos capazes de perceber: nossa realidade não segue em uma crescente de melhorias. É evidente que ainda existem resquícios do pensamento moderno em nosso presente, todavia as gerações mais recentes, que já nasceram em um período de abalo das expectativas pautadas no progresso, parecem capazes de constatar esse fato com mais clareza. Todavia, isso não quer dizer que não seja possível observar efeitos em outras gerações:

Assim, Florian e sua geração, e nós – que estamos sobrevivendo com eles, e entre eles, em vez de viver verdadeiramente, pois viver, para uma alma noética, é existir compartilhando fins, isto é, projetando coletivamente sonhos, desejos e vontades – nós, como e com Florian, todos nós, na medida em que existimos, nos vemos lançados e rejeitados pela época da ausência de época.²⁵ (STIEGLER, 2019, p.12, tradução nossa)

Stiegler, seguindo a mesma linha de Berardi, compreende que nossos jovens foram completamente tomados por grande desesperança e ansiedade diante de seu futuro. Evidentemente, é necessário acautelar-se ao fazer uma generalização como esta, tendo em vista as grandes diferenças existentes entre os indivíduos que compõem um recorte geracional. Por isso, o capítulo seguinte tratará de assuntos relevantes como os conceitos de juventude e geração, a forma como grupos de idade similar pensam a realidade coletiva e a importância das relações intergeracionais para compreender o pensamento da juventude.

²⁵ “As such, Florian and his generation, and us – who are surviving with them, and among them, rather than truly living with them, since to live, for a noetic soul, is to exist by sharing ends, that is, collectively projecting dreams, desires and wills – we all, as and with Florian, we all, insofar as we are, find ourselves thrown into and thrown out by the epoch of the absence of epoch.” (STIEGLER, 2019, p.12)

3.

Juventude e geração

Bernard Stiegler é um autor especialmente preocupado com a juventude. Tratar sobre problemas sociais a partir e por meio da vivência dos jovens é um movimento que ele notadamente faz em “*The Age of Disruption: Technology and Madness in Computational Capitalism*” (STIEGLER, 2019) ao usar a fala de Florian como caracterização de um complexo processo de mudança de condições de existência do século XXI. Também em “*Taking Care of Youth and the Generations*” (STIEGLER, 2010) o autor se utiliza de diversos exemplos relacionados aos mais jovens pretendendo dar conta da temática do sequestro da atenção causado pela presença massiva da mídia televisiva na vida diária dos indivíduos contemporâneos. Para isso, Stiegler contextualiza uma importante discussão na sociedade francesa da época, a saber, a questão da diminuição da maioria penal. É essa discussão social e política que norteia uma complexa elaboração teórica sobre como se constitui o aparato psíquico do jovem, sua forma de apreensão de conhecimento e seu papel em um mundo radicalmente tomado por tecnologias de mídia.

Nessa linha, podemos observar que há um padrão de estratégia argumentativa utilizada por Stiegler. O filósofo adota um fenômeno urgente da realidade presente como o norte da discussão sobre a condição da juventude e estrutura toda sua argumentação ao redor deste fato. É evidente que isso traz benefícios significativos no que diz respeito a cativar o leitor: Stiegler é um autor que trata de temas urgentes de forma igualmente urgente, tornando a leitura fluida e inadiável, porque diretamente ligada ao nosso tempo. Todavia, a urgência traz consigo a necessidade de passar por temas relevantes de forma inequivocamente apressada. Isso acontece com definições de conceitos centrais de sua obra, como acaba sendo o caso de juventude e geração em ambos os livros supracitados.

Cabe, portanto, inicialmente, observarmos aquilo que foi efetivamente caracterizado pelo autor. Espera-se de um livro que tem por temática central o cuidado com os jovens e as gerações que este discuta largamente os conceitos, bem como a razão de ser da escolha de compreender a condição da juventude por um

recorte de idade cronológica, através do conceito de geração. Stiegler, todavia, faz a escolha por desenvolver seu pensamento sem uma caracterização explícita do grupo ao qual se refere, sendo preciso procurar por indicações, vestígios no contexto de sua obra.

Uma primeira pista parece ser a forma que o filósofo discute a condição do menor de idade, que segundo ele recebe tal denominação “especificamente porque é exigido da sociedade adulta que cuide de sua transição bem-sucedida para a vida adulta (...) transmitindo a competência social que produz responsabilidade; isto é, que leva à ‘maturidade’” (STIEGLER, 2010, p. 2, tradução nossa). Passamos a lidar aqui com o conceito de maturidade intimamente ligado ao conceito de responsabilidade, ao qual cabe investigação mais detalhada. Nesse sentido, o autor define a responsabilidade como:

(...) uma qualidade psíquica, tanto quanto social, da vida adulta, e desde Freud ficou claro que a formação dessa responsabilidade, esse tornar-se adulto, se desenvolve desde a infância por meio de uma relação de identificação com os pais que educam a criança. (...) Esse processo de identificação é precisamente o que a indústria cultural contemporânea subverte ao desviar e capturar a atenção das mentes jovens em sua época de "disponibilidade cerebral", passiva diante das demandas de consumo (...)²⁶ (STIEGLER, 2010, p. 4, tradução nossa)

Chama atenção que talvez resida aqui uma das grandes motivações pelas quais o autor se interessa por pensar a juventude em suas obras, a saber, um senso de responsabilidade que advém primeiramente da condição de ser adulto. Responsabilidade expressa como responsabilização perante à lei, mas também pela formulação kantiana de maioridade, com a qual Stiegler corrobora:

Assim como Kant, acredito não só que todos os seres humanos querem se tornar adultos, na medida em que não persistem em se manter em sua preguiça e covardia, mas que no exato momento em que o planeta foi envenenado pela própria humanidade, (...) o futuro da humanidade depende desta idade adulta de todos: de uma maturidade crítica do tornar-se política e economicamente maduros, e do desenvolvimento da responsabilidade como forma concreta de inteligência (...)²⁷ (STIEGLER, 2010, p.40, tradução nossa)

²⁶ “(...) is a psychic, as much as a social, quality of adulthood, and since Freud it has been clear that formation of this responsibility, this becoming adult, develops from infancy through a relationship of identification with parents who educate the child.(...)This process of identification is precisely what the contemporary culture industry subverts' in diverting and capturing the attention of young minds in their time of "brain availability," passive in the face of demands to consume(...)” (STIEGLER, 2010, p.4)

²⁷ “Like Kant, I believe not only that all human beings want to become adults, to the extent that they do not persist in maintaining themselves in their laziness and cowardice, but that at the very moment when the planet has been poisoned by humanity itself, (...) humanity's future depends on this

Apesar de apontar interessantes caminhos de interpretação para o pensamento stiegleriano, a discussão anterior não parece dar conta de nossa preocupação inicial com a questão definitiva. Ao citar a fala de Florian, um rapaz ainda menor de idade, Stiegler faz dela uma projeção para toda uma geração, que possuiria, no momento em que o livro foi publicado, indivíduos com idade entre 20 e 35 anos²⁸.

Mesmo se a preocupação de Stiegler não fosse com a idade atual do jovem, mas sim com a idade que supostamente possuía ao proferir a declaração, ainda seria possível afirmar que ele não limita sua ideia de juventude à de minoridade legal. Isso se deve ao fato da divisão das gerações, mesmo que feita de uma forma rudimentar, sempre pressupor uma diferença de idade de alguns anos entre os indivíduos do grupo. A fala de Florian evidencia tal afirmação: “(...) falo com jovens, aqueles com dois ou três anos de diferença com relação a minha idade, todos eles dizem a mesma coisa (...), porque estamos convencidos de que seremos a última geração, ou uma das últimas, antes do fim.” (L’IMPANSABLE coll., 2006, p. 7). Ainda é possível ir um pouco além. Caso o indivíduo jovem fosse visto por Stiegler estritamente como aquele que é menor de idade, se perderia a possibilidade de discutir a condição de outros indivíduos que já passaram pela transição para a maioridade legal, porém foram afetados pelas mudanças de contexto social e tecnológico das quais o autor pretende se ocupar.

Portanto, o pensamento stiegleriano permite - e talvez exija em uma pesquisa específica sobre o tema - uma abertura para pensar conceitualmente a juventude. É necessário fazer um trabalho complexo e notadamente filosófico, dado o aporte conceitual. É fundamental pensar se se referir aos mais jovens a partir de um conceito singular de juventude é apropriado, levando em conta que condições externas são tão influentes na cultura de um grupo de indivíduos e, portanto, em sua forma de pensar seu presente e futuro. Ainda, é preciso questionar se compreender

adulthood for everyone: on a critical maturity's becoming politically and economically mature, and on the development of responsibility as the concrete form of intelligence (...)” (STIEGLER, 2010, p. 40)

²⁸ A declaração do jovem Florian aos 15 anos de idade foi publicada originalmente em 2006. No ponto em que o livro “Dans la Disruption: comment ne pas devenir fou ?” (STIEGLER, 2016) é publicado, se espera que sua idade seja, portanto, de 25 anos. O fato de o rapaz pertencer ao grupo dos chamados Geração Y ou *millennials* (nascidos entre 1981-96, segundo o *Pew Research Center*) é inferido pela razão de seu nascimento ter se dado no início dos anos 1990. Mais sobre a “divisão geracional” pode ser visto em: <https://www.pewresearch.org/topic/generations-age/>. Acesso em: 05/01/23.

a juventude por um recorte de idade biológica (geração) faz sentido, também levando em conta imposições sociais, culturais, subjetivas tão heterogêneas.

Por isso, vemos a necessidade intransponível de tratar dos conceitos minuciosamente recorrendo a obras externas ao trabalho de Stiegler para compreensão de seu pensamento. Os conceitos de geração e juventude são especialmente tratados pelas Ciências Humanas nas áreas da Educação e da Sociologia. No presente trabalho, fizemos a escolha por observar as correntes da Sociologia da Juventude, área do conhecimento que se preocupa com os conceitos de forma especialmente relevante para a nossa discussão, porque tratados por diferentes autores, interessados na questão de um ponto de vista capaz de abranger o contexto histórico, filosófico, social e político.

A Sociologia da Juventude pode ser dividida em três principais momentos/correntes: o estrutural-funcionalismo, as teorias críticas e as teorias pós-críticas. Trata-se de uma subdivisão proposta por Groppo (2017) em sua introdução ao assunto, deixando esclarecido que consiste em uma simplificação feita com objetivos didáticos para o estudo da temática. É evidente que há aproximações teóricas ao assunto em momentos anteriores da História, todavia, é a partir do estrutural-funcionalismo na primeira parte do século passado que passa a haver um trabalho de construção do termo sociológico “juventude”, trazendo consigo vestígios de concepções esboçadas anteriormente.

Com o objetivo de compreender terminologias como “juventude” e “geração” presentes na fala de Florian, um rapaz nascido no último quarto do século XX, é necessário se dedicar ao estudo, mesmo que *en passant*, das correntes supracitadas. Tentaremos aqui nos esquivar do reducionismo biológico, quando somente se dá atenção ao amadurecimento corporal dos indivíduos, a chamada puberdade, como momento relevante para entrada na juventude. Também, desejamos driblar o reducionismo sociológico, caracterizado pela assunção somente de fatores sociais como relevantes para pensar a temática. Portanto, estamos lidando com categorias que não fazem sentido se levarmos em conta somente a perspectiva etária; é necessário evidenciar sua associação com outros âmbitos relevantes da vida humana, tais quais a biologia, economia e as relações psicossociais.

É preciso se atentar também ao fato de que a categoria da juventude, assim como outras categorias, está permanentemente em disputa. Como trata-se de algo

intrinsecamente multifacetado, a definição de juventude se modifica na História²⁹, a depender dos momentos políticos e sociais que se apresentam naquele contexto. A busca definitória vai para muito além de mero purismo acadêmico, nossa atenção precisa se voltar a esse movimento se pretendemos nos aprofundar no pensamento de Florian numa perspectiva intrastieglariana que também se pretenda como uma proposta de pensamento mais abrangente.

3.1

O nascimento da Sociologia da Juventude

A preocupação com temas que concernem à juventude não é uma exclusividade do século XXI. Há muito já se discute a temática em obras ligadas às Ciências Humanas, deveras preocupadas com a questão conceitual, mas também com o estudo deste segmento populacional, enxergando-o como fonte de esperança, como perspectiva de mudanças, como possuidora de potencial intrínseco para promover transmutações sociais e políticas relevantes.

É a partir do século XX, no entanto, que autores norte-americanos e europeus se voltam a um estudo sobre a temática a partir de um escopo propriamente sociológico. Chama a atenção nesse momento acadêmicos que podem ser associados ao chamado estrutural-funcionalismo, tais quais Talcott Parsons³⁰ (1902-1979), autor que lhe deu maior relevância, e outros que se dedicaram à

²⁹Para fins de caracterização estritamente histórica, vale observar um trecho da caracterização de juventude feita por Aristóteles (384 a.C-322 a.C) em sua Retórica: “Em termos de caráter, os jovens são propensos aos desejos passionais e inclinados a fazer o que desejam. (...) Não têm mau, mas bom caráter, porque ainda não viram muitas maldades. São confiantes, porque ainda não foram muitas vezes enganados. (...) A maior parte dos jovens vive da esperança porque a esperança concerne ao futuro, ao passo que a lembrança diz respeito ao passado; para a juventude, o futuro é longo e o passado curto; na verdade, no começo da vida não há para recordar, tudo há a esperar” (ARISTÓTELES, 2005, p. 193). A discussão do presente capítulo poderia, sem dúvidas, se dar por uma perspectiva rigorosamente histórica, visitando diversas definições de juventude ao longo do tempo, todavia, a escolha pela via sociológica se justifica pela necessidade de caracterizar de forma mais acurada a noção na contemporaneidade de Florian e seus pares.

³⁰ PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In: BRITTO, Sulamita de (Org.) *Sociologia da Juventude*. Vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 47-76.

discussão sobre a juventude, como o criminologista A. K. Cohen³¹ (1918-2014) e o sociólogo S. N. Eisenstadt³² (1923-2010).

A definição de juventude trazida pelas discussões do estrutural-funcionalismo é uma concepção tradicional, marcada pela ideia de transição. A juventude seria um momento necessário da socialização dos indivíduos, sendo somente parte de um processo que teria por fim a chegada à vida adulta. Nesse sentido, seria um momento pouco importante por si só devido a seu caráter transitório, passageiro:

(...) a juventude seria o tempo de preparação para assumir certas “funções sociais”, o que permitiria ao indivíduo mudar de status - da posição social intermediária juvenil à posição privilegiada da maturidade (...) Marcariam o ingresso na vida adulta dados os eventos mais ou menos simultâneos: o fim da escolaridade, a entrada no mundo do trabalho, o casamento, a vinda dos filhos e a formação de um lar próprio. (GROPPO, 2017, p. 14)

A definição feita por Groppo anteriormente desenvolve esta concepção da juventude enquanto um momento “menor” com relação à almejada maturidade, enxergada como *télos* da socialização. Enquanto mera transição, os indivíduos jovens necessitariam de suporte neste período, mediado por uma relação vertical entre as gerações, ou seja, os antepassados recentes seriam os responsáveis por transmitir os saberes³³ necessários aos mais jovens por meio do processo de socialização no meio escolar (por mestres e professores) e no meio familiar (por pais, tios, avós).

A compreensão da juventude como parte relevante do processo de socialização do indivíduo gerou a necessidade de considerar também os comportamentos desviantes. O estrutural-funcionalismo dá grande importância à cultura formal escolar, todavia encontra em grupos informais, fora do espaço educacional, grande número de jovens que não frequentam a escola ou que dela evadem. Reside na juventude, portanto, grande potencial de desvio, rebeldia, que se revela quando o sujeito não se desenvolve socialmente da forma “ideal”, que

³¹ Ibid., p. 133-146.

³² EISENSTADT, S.N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

³³ “(...) ancestrais vivos servem, então, como transmissores da experiência acumulada por muitas gerações, conectando a criança aos ancestrais mortos; este processo de transmissão é a própria formulação e formalização do princípio de realidade nas suas múltiplas formas de saber (saber viver, saber o que fazer, saber como pensar [*savoir-vivre, savoir-faire, savoir-theorique*]) (STIEGLER, 2010, p. 7, tradução nossa)

seria a sua convivência adequada no ambiente escolar com seus pares, mas especialmente, com as gerações mais velhas, responsáveis pela sua educação.

Os autores ligados ao estrutural-funcionalismo não ignoram a função socializadora existente nos grupos informais que orbitam o espaço escolar. Muitos desses se organizam entre indivíduos de idades similares que compartilham, por isso, diversas concepções, horizontes de expectativa³⁴ e anseios:

Os grupos juvenis espontâneos, na sociedade moderna, têm vários pontos de atrito para com os padrões da sociedade adulta e os próprios adultos. Por exemplo, contra a especialização ocupacional dos adultos, os grupos juvenis valorizam uma imagem difusa da juventude. Outro exemplo, contra a orientação para a realização individualista, valorizam uma orientação qualitativa e coletiva. Estes grupos juvenis expressam angústias e tensões vividas pelos jovens, como a postergação do exercício da sexualidade, a segregação por longo tempo em relação aos valores efetivos do mundo adulto e a dificuldade de exercer papéis sociais estáveis. (GROPPO, 2017, p. 48)

A formação de grupos jovens informais na modernidade tem uma forte ligação com a forma como a sociedade se estrutura neste contexto. A juventude, nesse momento, reduzida a um papel subalterno, era vivida por estes a partir de coletivos de indivíduos de idades próximas, capazes de compartilhar experiências especificamente pelo fato de terem idades similares e, portanto, vivências e expectativas muito próximas. Já no princípio da formação da Sociologia da Juventude somos capazes de perceber que é dada grande evidência aos jovens enquanto uma coletividade, tendo algo em comum que os mantém interligados e desejosos de uma convivência, de um partilhamento de vida. Seremos capazes de discutir isso com mais propriedade na seção seguinte.

É válido notar que as concepções resumidas pelo estrutural-funcionalismo sofreram transformações significativas ao longo do tempo, embora ainda se façam mais ou menos presentes em nosso imaginário. Quando Florian afirma “(...) nós não temos mais o sonho de começar uma família, ter filhos, ter um negócio, ou qualquer tipo de ideais(...)” (L’IMPANSABLE coll., 2006, p. 7) é especificamente o imaginário de juventude, desse período em questão, com o qual ele se vê confrontado. A esse respeito, Groppo afirma que esses ideais “(...) subsistem atualmente, mais como padrões de referência do que como práticas concretas

³⁴ Temática do capítulo 2.

possíveis ou desejadas para grande parte dos que vivem a condição juvenil” (GROPPO, 2017, p. 14).

Como podemos perceber, a concepção tradicional de juventude não pode, de forma alguma, ser vista como algo datado. Na verdade, enxergar os jovens como indivíduos que estão passando por um momento de transição para a vida adulta ainda reside em nosso pensamento, mesmo que em alguns momentos busquemos conscientemente contrapô-lo. Sendo o discurso de Florian o norte da nossa discussão, é relevante perceber a presença de elementos ligados ao estrutural-funcionalismo em sua fala, especialmente quando ele se mostra frustrado com as expectativas postas na juventude, que ele não mais enxerga como viáveis para si e para seus pares. Passaremos a observar as correntes que se seguem, buscando dar conta de formas de pensar a questão do ponto de vista sociológico, a partir tanto de conceitos que busquem uma perspectiva mais macro, como é o caso de geração, quanto conceituações que deem conta da vivência individual de diferentes sujeitos jovens.

3.2

Reinvenção da Sociologia da Juventude: o conceito de geração

Parte da construção da Sociologia da Juventude como um campo do saber relevante é o processo de contestação das primeiras teorias formuladas. Como já era de se esperar, a concepção tradicional trazia consigo certas formas de enxergar a juventude que rapidamente causaram incômodo, mobilizando autores diversos. É em meados do século XX que essa corrente ganha corpo e atrai diversos acadêmicos interessados em pensar o jovem como um ser com potencial revolucionário e contestador, enxergando estas características como positivas, afirmativas de uma potência intrínseca de mudanças sociais.

De início é conveniente passar rapidamente pelas contribuições gerais das teorias críticas para a Sociologia da Juventude e áreas similares. A primeira delas, acima citada, é o reconhecimento do potencial contestador da juventude enquanto uma importante característica deste grupo, essencial para o desenvolvimento de uma sociedade capaz de mudanças diversas. Também, podemos destacar o

reconhecimento desse período da vida como múltiplo, dando atenção para a diversidade das vivências de diferentes indivíduos dentro dos grupos de socialização, que passam a ser vistos como subculturas juvenis. Vale destacar igualmente a desnaturalização da categoria “juventude”, que passa por um processo de certa relativização, passando-se a entender que grupos etários não se formam de maneira espontânea, mas a partir de um processo sócio-histórico de institucionalização e controle por meio da divisão etária das turmas escolares.

Nessa linha, Karl Mannheim³⁵ (1893-1947) introduz a temática das gerações, categoria de tanta importância para nosso autor Bernard Stiegler, como uma possibilidade de se aproximar da discussão da condição juvenil. Enquanto era atribuída à juventude uma posição de subjugamento, não havia um real interesse em aprofundar-se nas características e potenciais deste grupo populacional. Mannheim, pelo contrário, acredita que ao observar a dinâmica da relação com os pares (intra-geração) e também com os mais velhos (intergeração), seremos capazes de perceber de forma mais acurada o papel da juventude na sociedade moderna.

Vale, portanto, fornecer uma definição satisfatória de geração, termo tão utilizado em nossos tempos para caracterizar diferentes grupos etários, mas tão pouco discutido enquanto conceito:

Para Mannheim, a geração é um tipo de situação social ou posição social. A geração não é um grupo social concreto, como é a família, tribo ou seita. É, assim como a classe social, uma situação social (...). Se classe social e geração, ambas, são situações sociais, ou seja, são condições formalmente análogas, elas são muito diferentes entre si do ponto de vista dos seus conteúdos. A classe social se define pela situação em comum de certos indivíduos no interior das estruturas econômicas de uma sociedade. Já a geração se define pelo fato de que certos indivíduos com idades semelhantes viveram em sua juventude (período crucial no curso da vida pessoal) “uma situação comum no processo histórico e social” (...). Esta situação social, que define a geração, estabelece uma gama mais ou menos restrita de experiências sociais em comum àqueles indivíduos e encaminha-nos a certo tipo de ação social. (GROPPO, 2017, p. 55)

Podemos perceber no trecho acima que a conceituação sociológica de geração proposta relaciona indivíduos pela formalização etária, mas tem implicações para muito além disto. É verdade que uma das críticas mais comuns ao conceito é sua aparente arbitrariedade, como se se tratasse de um mero recorte de

³⁵ MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). Mannheim. Col. Os Grandes Cientistas Sociais, n. 25. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

idade. Muito disso tem relação com as denominações³⁶ mais recentes desses grupos como geração Z, Millennials e afins, e sua subsequente popularização, todavia, como podemos verificar pela caracterização de Mannheim, gerações são muito mais do que simples fatias, porcionamentos da sociedade por idade cronológica. Trata-se de uma situação social que agrupa diferentes sujeitos diante de uma similaridade que os faz viver experiências afins do ponto de vista histórico em um momento tão importante de sua vida.

O conceito de geração também é um poderoso recurso comparativo de condições de existência da juventude do presente com aquelas de momentos anteriores de nossa História. Quando Florian disserta sobre a sua situação e de seus pares, ele o faz de maneira comparativa, instigando seu interlocutor a pensar na própria experiência quando jovem: “(...) nós não temos mais o sonho de começar uma família, ter filhos, ter um negócio, ou qualquer tipo de ideais, como vocês tinham quando eram adolescentes” (L’IMPANSABLE coll., 2006, p. 7). Portanto, o uso do conceito nos possibilita comparar os “novos jovens” com os “antigos jovens” de forma mais acurada, confrontando realidades sócio-históricas distintas:

A juventude é modelada na construção social de um tempo histórico, o que pede referências à contemporaneidade, levando vários sociólogos da juventude a ressaltar a importância do conceito de geração (...) para melhor compreender que tempos são estes e de que juventudes se está falando, já que, em princípio, os jovens hoje compartilham uma série de necessidades, estímulos e formas de ser e querer ser. O conceito de geração colabora para melhor discutir em que medida referências as juventudes de outros tempos ou gerações anteriores valem ou não para as que se está focalizando. (ABRAMOVAY, Coord., 2015, p. 22-23)

A esse ponto se mostra incontornável tratar de forma mais atenta sobre a nova geração a qual atribuímos o conceito de juventude. Já buscamos definir o conceito de geração de maneira satisfatória, mostrando a sua importância para nossa discussão, que busca tratar das condições de existência e expectativas de futuro de um certo recorte populacional a partir de um processo comparativo dessa população

³⁶A nomenclatura atribuída às gerações é parte da pesquisa de alguns institutos que se concentram na questão geracional. Nesse sentido, pequenas diferenças com relação às datas que definem cada geração são encontradas quando os critérios histórico-culturais diferem. Em conformidade com as pesquisas do prestigiado instituto americano Pew Research Center, a divisão de gerações se daria da seguinte forma: geração silenciosa (nascidos entre 1928-45), *boomers* (1946-64), geração X (1965-80), geração Y ou *millennials* (1981-96) e, finalmente, geração Z (1997-2012). Ver: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>. Acesso em: 17/12/22.

em momentos distintos da História. Cabe, portanto, tratar da conceituação de juventude ao perceber que as considerações de Stiegler e de outros autores que escrevem sobre o tema (vide o trecho citado acima) utilizam os termos “gerações mais jovens” e “juventude” de forma quase intercambiável.

A literatura de maior relevância que temos a esse respeito é o clássico “A ‘juventude’ é só uma palavra” (BORDIEU, 2003) do prestigiado sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). A provocação do título se mantém durante o texto, mostrando um interesse em inaugurar uma discussão muito própria da Sociologia da Juventude na vertente das teorias críticas, com objetivo de criar certa relativização do conceito de juventude. É justamente na tentativa de relativizar que o autor constrói uma definição de juventude e velhice de maneira absolutamente engenhosa: “(...) [os velhos] são contra tudo que se mexe, etc., justamente porque têm o seu futuro atrás de si, porque não têm futuro, ao passo que os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (BOURDIEU, 2003, p.160)³⁷.

A proposta de Bourdieu ilustrada no texto em questão é mostrar que o conceito de juventude, o qual prefere tratar como “estado de juventude” (BOURDIEU, 2003, p.151), faz sentido somente dentro do contexto social, na relação hierárquica entre as diferentes gerações. Para isso, apresenta a ideia de idade social, que pode ser conflitada com a ideia restritiva de idade biológica. Enquanto a segunda diz respeito à cronologia da vida humana, a primeira demonstra que a alguns jovens é dado o privilégio da moratória social³⁸, enquanto outros, por motivos sócio-econômicos, necessitam assumir responsabilidades “de adulto” o tão logo possível:

Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém.. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam

³⁷ A definição de juventude de Bourdieu se torna especialmente inquietante quando pensamos que Florian e seus pares fazem parte de uma geração que tem motivos inúmeros para acreditar que o fim dos tempos está próximo e que, portanto, tiveram o futuro roubado de si: “Em 2015, o acúmulo desses desastres que atingiram homens e mulheres desde o início do século XXI se conjugaram à atenuação de toda forma de vontade, e o resultado foi a proliferação de comportamentos bárbaros – tudo isso dá a todos, e não apenas a geração de Florian, todas as razões para acreditar que o mundo está no caminho da ruína, e em pouco tempo.” (STIEGLER, 2019, p. 11, tradução nossa).

³⁸ Vale observar a caracterização feita por Groppo de moratória social, da forma que foi pensada por autores como Mannheim: “Após desenvolver a noção sociológica de gerações, Mannheim, de modo semelhante ao que já fizera o estrutural-funcionalismo, esboça o que seria a moratória social: separação relativa dos jovens do mundo adulto e público para o aprendizado de hábitos e valores básicos, que os predisponham a assumir papéis sociais requeridos pela sociedade quando se tornarem adultos”. (GROPPO, 2017, p. 62).

inteiramente e são objeto de manipulações. (...) O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. (...).

[A] idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc. (BOURDIEU, 2003, p.152 - 153)

O trecho acima ilustra a proposta de Bourdieu de relativizar conceituações dependentes da cronologia, como velhice e juventude, mostrando que elas se constituem no contexto da vida em sociedade. O sociólogo afirma que o dado biológico tem maior ou menor relevância na categorização de um indivíduo como jovem a depender de sua classe social, o que traz para o centro da discussão o fator econômico, que vinha sendo bastante negligenciado em discussões anteriores no contexto da Sociologia da Juventude.

A relativização é levada ao extremo no ponto que o autor caracteriza a palavra “juventude” como um “formidável abuso de linguagem” (BOURDIEU, 2003, p.152). O próprio título do texto nos adianta sua intenção de demonstrar como a linguagem pode servir a uma imposição de poder de um grupo em relação ao outro, nesse caso, dos mais velhos com relação aos mais novos. Nesse sentido, Bourdieu acredita que “[as] classificações por idade (mas também por sexo ou, evidentemente, por classe...) equivalem sempre a impor limites e a produzir ordem à qual cada um deve se ater, na qual cada um deve manter-se no seu lugar” (BOURDIEU, 2003, p.151).

Se nos mantivéssemos na linha de Bourdieu, muito provavelmente rejeitaríamos rapidamente o uso de qualquer conceito que leva excessivamente a idade biológica em conta. A noção de geração poderia nos soar demasiado restritiva e pouco útil diante das limitadas similaridades existentes entre os indivíduos do recorte, e a noção de juventude (no singular, ao menos) como algo que ignora as

inúmeras particularidades da vivência individual. Ainda, essas ideias estão carregadas de intenções escusas de projetos de poder dos quais muitos não gostariam de fazer parte.

No entanto, diversos autores trazem propostas interessantes (e alternativas) ao pensamento de Pierre Bourdieu. Podemos citar Margulis e Urresti como uma fonte interessante, e mesmo ousada, de teóricos que pretendem problematizar a relativização das categorias. Com o texto *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud* [A Juventude é mais que uma palavra: ensaios sobre cultura e juventude] (MARGULIS & URRESTI, 1996), os autores se apresentam peculiarmente como “um interessante meio termo” (GROPPO, 2017, p. 72), sem enaltecer demasiadamente a conceituação tradicional de juventude e sem ser totalmente relativistas, propondo algo como a total abolição do termo. Apesar de não ter afirmado isto propriamente, Stiegler muito provavelmente se interessaria pela linha desses autores, tendo em vista sua adoção de uma “lente” geracional para observar a juventude (no singular, vale notar).

Margulis e Urresti, como já é possível inferir pelo título de sua obra, acreditam que os signos são de extrema importância para o estudo de diferentes grupos sociais. Afirmam que há uma dimensão simbólica intrínseca a qualquer categoria construída socialmente, devendo ser analisada a partir das diversas dimensões que a atravessam. Nesse sentido, a vivência da juventude não estaria ligada somente ao fator biológico/etário, mas a tudo aquilo que se articula a essa dimensão, sendo necessário dar destaque à apreensão histórico-cultural.

Ao mesmo tempo, os autores observam que não é possível ignorar a idade cronológica do indivíduo. Eles cunham a noção de moratória vital (ou capital energético) como forma de se opor a um discurso demasiadamente culturalista, que acaba por ignorar que de fato exista algum fator biológico associado à ideia de juventude. Definem esse conceito como “complementar à ideia de moratória social” (MARGULIS & URRESTI, 1996, p. 4) e o caracterizam como um período da vida do indivíduo no qual existe um grande excedente temporal, uma vitalidade em abundância, isto seria algo comum a todos os jovens, independente de sua condição social.

O equilíbrio que os teóricos buscam de forma a esquivar-se do “(...) perigo do etnocentrismo de classe e o fetichismo da data de nascimento” (MARGULIS & URRESTI, 1996, p. 7) pode ser observado ao longo de toda sua caracterização da

juventude. Percebemos igual equilíbrio em sua associação com o conceito de geração:

Da idade, como categoria estatística, ou vinculada à biologia, passamos à idade processada pela história e a cultura: o tema das gerações (...).

Ser jovem, portanto, não depende só da idade como característica biológica, como condição do corpo. Da mesma forma, não depende somente do setor social a que se pertence(...). Há que considerar também a questão geracional: a circunstância cultural que advém de ser socializado em códigos diferentes, de incorporar novos modos de perceber e de apreciar, de ser competente, novos hábitos e habilidades, elementos que distanciam os jovens de outras gerações³⁹ (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 18-19, tradução nossa).

De acordo com o trecho supracitado, a idade que o indivíduo possui diante de um acontecimento da realidade é central para a forma como isto será vivido e interpretado. Quando Florian explicita suas angústias a respeito da realidade e de seu futuro, ele põe todos os sujeitos de sua geração em pé de igualdade, enquanto seres que interpretam os fatos que se desenrolam de forma similar. Essa similaridade advém da memória social incorporada, enquanto um “encadeamento de acontecimentos que vão constituindo a estrutura, o caráter sedimentado de experiências acumuladas” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 20, tradução nossa).

Portanto, a segunda vertente da Sociologia da Juventude busca alternativas ao tradicionalismo na visão e definição da categoria da juventude da primeira vertente. É cunhado o conceito de geração por Mannheim, buscando algo que desse conta do conflito entre a idade biológica e a questão social, individual de cada sujeito jovem. Já Bourdieu traz a questão socioeconômica de forma urgente para o centro da discussão, se opondo à naturalização da ideia de juventude, que nada tem de natural, tendo em vista as intenções políticas que toda categoria social inevitavelmente traz consigo.

Por fim, podemos fechar esta seção com uma boa explanação, finalmente, sobre o conceito de geração, fornecida por nossos autores argentinos Margulis e

³⁹ “De edad como categoría estadística o vinculada con la biología, pasamos a la edad procesada por la historia y la cultura: el tema de las generaciones (...)

Ser joven, por lo tanto, no depende sólo de la edad como característica biológica, como condición del cuerpo. Tampoco depende solamente del sector social a que se pertenece (...). Hay que considerar también el hecho generacional: la circunstancia cultural que emana de ser socializado con códigos diferentes, de incorporar nuevos modos de percibir y de apreciar, de ser competente en nuevos hábitos y destrezas, elementos que distancian a los recién llegados del mundo de las generaciones más antiguas.” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 18-19, tradução nossa).

Urresti. Vale perceber a afinidade da discussão com a forma como Florian percebe a opinião de seus pares acerca do presente e do horizonte de expectativa por eles constituído, por consequência:

A geração, mais que a coincidência de época do nascimento, refere-se à História, ao momento histórico daquele que foi socializado. (...) A geração não é uma simples coincidência na data de nascimento, mas uma verdadeira fraternidade face aos estímulos de uma época, uma diacronia compartilhada, uma simultaneidade em processo que implica uma cadeia de acontecimentos dos quais se pode dar conta em primeira pessoa, como ator direto, como testemunha ou pelo menos como contemporâneo. (...) O que foi tem uma relação com a memória seletiva do que era antes e com a expectativa borrada do que ainda não havia sido, e precisamente por isso, não é o mesmo estar numa idade ou noutra, mesmo quando se partilha o mesmo momento presente, o significado que se atribui ao que acontece, na medida em que se refere a uma profundidade temporal diferente, não coincide. E isso pode acontecer de forma relativamente independente da classe a que se pertence. Por exemplo, em relação à ditadura militar, não é a mesma coisa ter nascido antes, durante ou depois; estas diferenças são estruturais, e moldam a questão da história na sua facticidade, embora admita, depois, várias formas de elaboração (MARGULIS, URRESTI (ed.), 1996, p. 26, tradução nossa).⁴⁰

3.3

Juventudes plurais e no plural

Enquanto o estrutural-funcionalismo pode ser caracterizado como um momento de consolidação da Sociologia da Juventude, vimos na seção anterior que as teorias críticas propunham uma reinvenção de diversas destas categorias e conceitos tradicionais. Já as teorias pós-críticas, terão o objetivo explícito de

⁴⁰“La generación, más que a la coincidencia en la época de nacimiento, remite a la Historia, al momento histórico en el que se ha sido socializado. (...) La generación, no es una simple coincidencia en la fecha del nacimiento, sino una verdadera hermandad frente a los estímulos de una época, una diacronía compartida, una simultaneidad en proceso que implica una cadena de acontecimientos de los que se puede dar cuenta en primera persona, como actor directo, como testigo o al menos como contemporáneo. (...) Lo que fue tiene una relación con la selectiva memoria de lo que fue antes y con la borrosa expectativa de lo que aun no había sido, y justamente por ello, es que no es lo mismo estar en una edad o en otra aun compartiendo el mismo momento presente, el sentido que se le otorga a lo que acontece, en la medida en que se remite a una profundidad temporal diferente, no coincide. Y esto puede suceder con relativa independencia de la clase a la que se pertenezca. Por ejemplo, respecto a la dictadura militar, no es lo mismo haber nacido antes, durante o después de ella, esas diferencias son estructurales, y conforman la materia de la historia en su facticidad aunque admita, después, variadas formas de elaboración.” (MARGULIS, URRESTI (ed.), 1996, p. 26).

implodir muitas dessas definições, causando uma crise interna ao pensamento sociológico, reflexo das crises que somos capazes de observar na sociedade moderna, neste momento ligadas principalmente à oposição entre o mundo socialista e o mundo capitalista. Groppo (2017) compreende que esse período, que se dá a partir dos anos 1970, é bastante complexo e pouco linear, porque a Sociologia enquanto campo do saber que estuda as diversas relações sociais passava também por diversas mudanças, necessárias para compreender uma sociedade em altíssima tensão geopolítica.

Por isso, nossa tentativa nessa seção será resumir aquilo que há de mais relevante para a compreensão da fala de Florian no período em questão sem necessariamente nos atermos a algum ou alguns autores. Agora nos apoiaremos majoritariamente na importante síntese feita por Groppo (2017). Iniciamos pela principal crítica, herdada da vertente anterior, acerca da limitação que a idade biológica do indivíduo como meio exclusivo de identificá-lo como jovem traz para o pensamento sociológico da juventude:

A medida da vida em “anos”, a idade cronológica, foi o melhor critério encontrado pelas ciências e instituições ocidentais modernas para uma avaliação que se queira universal, abstrata e objetiva das características de cada fase da vida, bem como do processo de transição entre estas fases (...). Por meio deste critério, toda diversidade cultural, social, regional, religiosa etc. poderia ser abstraída, permitindo às ciências e saberes práticos definir como se portar diante de cada estágio do desenvolvimento humano. A educação, notadamente, vai fazer largo uso deste critério para constituir a seriação, para planejar os currículos, para projetar as formas de avaliação. (GROPPO, 2017, p. 98)

A forma de organização utilizada pelas instituições de ensino se pautava (e ainda largamente se pauta) em um critério cronológico, gerando uma notável contradição. Por um lado, existe o critério da idade do sujeito, por outro existe a diversidade de formas de vida de indivíduos que compartilham o ambiente escolar. Essa contradição, que tanto foi discutida por nós, se acumula e fica cada vez mais latente devido à maior entrada da juventude na escola na segunda metade do século XX, tornando-se um tema recorrente dos teóricos pós-críticos. Também, o período em questão é marcado por um grande questionamento de princípios e pressupostos herdados dos séculos anteriores, havendo a contestação de teorias que tinham pretensão de totalidade.

A partir do rechaço de pensamentos que se pretendiam totalizantes, a Sociologia da Juventude se volta ativamente ao estudo das tribos jovens. É verdade que não é uma novidade observar grupos apartados da realidade da escola, nos quais se compartilha experiências e constitui a identidade do sujeito jovem. Todavia, esses grupos, especialmente aqueles formados por pessoas à margem da escola, os denominados “guetos”, vinham sendo estudados largamente como desvios de um desejado padrão de normalidade.

Já nesse momento, as pesquisas se voltam para compreensão de que jovens se reúnem a partir de expressões identitárias diversas, tais quais religião, sexualidade, gênero e cultura. O momento da juventude passa a ser visto como espaço de subjetivação, pelo qual o sujeito é capaz de experimentar dentro de um certo coletivo, mesmo que provisoriamente, até que se queira experimentar algo diferente. É no seio dessas coletividades que identificamos vivências diversas, pessoas que se reúnem possuindo critérios de idade biológica similar, mas principalmente pelos seus gostos afins, compartilhando seu cotidiano com indivíduos de fora do grupo familiar.

As teorias pós-críticas trazem inúmeros critérios pelos quais jovens se reúnem para o centro da discussão, adicionando algo mais do que a questão sócio-econômica. Há, portanto, um grande enriquecimento da pesquisa sobre a juventude quando leva-se em conta diversas camadas da realidade empírica que se apresentam ao sujeito, seja ele jovem ou não. Sendo assim, não trata-se de um momento de interdição dos conceitos ligados ao estudo da juventude, mas sim de uma implosão que age “tornando os referenciais de vivência da juventude mais embaralhados, com sentidos mais abertos, mas menos claros” (GROPPO, 2017, p. 123).

É nesse contexto de valorização das multiplicidades que começa a se falar em juventudes (no plural e não no singular)⁴¹. O signo usado no plural traria consigo a perspectiva de heterogeneidade e complexidade existente nessa fatia da população:

Torna-se mais preciso falar de juventudes, assim no plural, a se considerar os diferentes modos de viver a condição juvenil e a experiência geracional, não apenas pelas desigualdades de classe, mas também pelas desigualdades e diferenças étnico-

⁴¹ O uso de juventude no singular é algo, inclusive, que poderia fazer Stiegler ser alvo de críticas hoje no que tange a sua teoria sobre este assunto. Seja como for, trata-se de uma perspectiva teórica plausível que poderia ser justificada pelo autor ao longo de sua obra, se ele assim quisesse. A fala de Florian, igualmente, chama atenção para uma certa unicidade do grupo geracional a que pertence, utilizando juventude e geração (sua geração, vale dizer) de forma aparentemente intercambiável.

raciais, nacionais, regionais, de gênero, de opção sexual, religiosa etc. As teorias pós-críticas radicalizam a valorização da diversidade. (GROPPO, 2017, p. 116)

A ênfase nas diferenças é uma característica inequívoca das teorias pós-críticas, que foi capaz de produzir muitos impactos na forma como enxergamos a juventude. Outra característica extremamente relevante e intrínseca ao tempo em que estamos é a ideia de precariedade (já apresentada no capítulo 2). A esse respeito, a multiplicidade “(...) ensejada na vivência da juventude acena com promessas de liberdade e criatividade”, enquanto a precariedade “(...) revela as crescentes dificuldades que se apresentam àqueles que passam ou se mantêm na categoria da juventude, especialmente se pertencerem àqueles grupos sociais que sofrem discriminações e desigualdades” (GROPPO, 2017, p. 125).

A tensão que existe entre essas duas características presentes nos últimos tempos, especialmente do último quarto do século XX para frente, é reflexo de uma sociedade marcada pela aceleração das mudanças sociais e pela consequente imprevisibilidade. Enquanto há uma grande ênfase na valorização do sujeito e expressão de sua identidade, o mundo passa também por diversas situações inéditas num período muito curto, o que nos leva a indagar como é possível construir qualquer projeção de futuro diante de uma realidade excessivamente cambiante:

O tempo acelerado (...) é grande adversário do planejamento pessoal do futuro, travando os jovens - e mesmo os adultos - no presente. Ao menos esboçar um projeto de vida, uma noção de futuro, parece ser um ato de resistência e afirmação necessário pelos sujeitos nestes dias intempestivos.

A segunda modernidade, especialmente quando são focados os processos de precarização e implosão das instituições sociais, parece significar que a condição juvenil - transitória e instável - se torna sinônimo da própria experiência social em tempos contemporâneos. Também, aproxima drasticamente as experiências de juventude dos países ditos desenvolvidos - Europa e Estados Unidos - com a dos países ditos em desenvolvimento, especialmente na América latina: experiências de precariedade da condição juvenil, como o desemprego e ocupações pouco desejáveis, não são mais exclusividade dos países ditos pobres; e a massificação da educação escolar não é mais atributo único dos países ricos. (GROPPO, 2017, p. 126)

As teorias pós-críticas refletem o seu tempo histórico quando problematizam a limitação presente em categorias como “juventude”, propondo, como vimos, o uso do signo no plural. Essa proposta demonstra como a diversidade é uma temática relevante, que transcende o ambiente acadêmico e faz parte das mais corriqueiras ações do dia-a-dia. Entretanto, na realidade presente é impossível

desviar de uma discussão concreta sobre a precariedade, consequência das mutações nas condições de existência da população.

O trecho supracitado resume de forma simples a problemática demonstrada por Florian em sua fala. Nossos tempos parecem não permitir que seja feito qualquer planejamento, tendo em vista a volatilidade das condições de existência que se apresentam a nós. Ainda, “(...) os jovens de hoje (...) expostos a vulnerabilidades e múltiplos desafios (...) talvez mais do que qualquer grupo populacional - enfrentam as maiores incertezas e riscos advindos do processo de globalização” (ABRAMOVAY, p. 26), vendo suas perspectivas de trabalho excessivamente reduzidas diante principalmente das inovações tecnológicas e do aumento da desigualdade social. A tensão entre as possibilidades múltiplas e uma realidade de oportunidades reduzidas jamais foi tão explícita, por mais que disto pouco se fale. Nós parecemos ignorar esse fato, “(...) nós todos, todos nós, exceto Florian, continuamos todos ao mesmo tempo a negar este pensamento, que assim se torna o nosso impensado” (STIEGLER, 2019, p. 260, tradução nossa). Nessa linha seguiremos no próximo capítulo.

4.

Processos de negação e verbalização de Florian

A declaração de Florian é destacada por Stiegler em seu livro sobre a disrupção (STIEGLER, 2019) logo em suas páginas iniciais. A citação fecha o primeiro capítulo nos mostrando a fala⁴² marcante de um jovem de 15 anos que acredita que sua geração será a última antes do fim do mundo. Toda a argumentação da obra tem essa questão como fio condutor, buscando fazer uma complexa análise da existência humana na contemporaneidade altamente tecnologizada que vivemos.

O método utilizado por Stiegler para construir sua argumentação é extremamente eficiente quando levamos em conta o objetivo de atrair a atenção de seu leitor para uma situação urgente que o autor já chamava atenção em suas obras há algumas décadas. Ao observar a afirmação aparentemente tão pessimista de um jovem - definido por Aristóteles na Antiguidade como aquele para qual “(...)o futuro é longo e o passado curto(...)” (ARISTÓTELES, 2005, p. 193) ou de forma muito semelhante por Bourdieu já na contemporaneidade considerando os jovens como aqueles que “(...)se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (BOURDIEU, 2003, p.160) - somos instigados a pensar no nosso tempo como um momento que propicia afecções negativas mesmo naqueles que há tão pouco tempo⁴³ (con)vivem nesse mundo.

Podemos facilmente perceber que o pensamento do jovem Florian nos causa um incômodo. Há algo de inesperado no fato de uma fala tomada por protensão negativa⁴⁴ ser proferida por alguém que, convencionalmente, possui seu futuro à frente de si, possui perspectiva de vida longa, possui ambições. Algo desse gênero pode levar a nós, aqueles de mais idade (seja um pouco ou muito mais), a questionar se há algo que estamos sendo incapazes de perceber na realidade tangível. Como se estivéssemos ignorando algo que se apresenta a nós envolto por uma singela cobertura que nos impossibilita de vê-lo e identificá-lo plenamente.

⁴²Ver cap. 1.

⁴³ É difícil não se recordar do poema de Paulo Leminski “Coração de Poeta” ao falar sobre o sofrimento em momentos da vida humana demasiado idealizados - como é o caso da infância e juventude - como uma paradoxal presentificação de uma grande esperança e expectativa: “os dentes afiados da vida/ preferem a carne/ na mais tenra infância/ quando/ as mordidas doem mais/ e deixam cicatrizes indeléveis/ quando/ o sabor da carne/ ainda não foi estragado/ pela salmoura do dia a dia é quando/ainda se chora/ é quando/ ainda se revolta/ é quando/ ainda” (LEMINSKI, 2013, p. 19)

⁴⁴ Ver cap. 2, no qual o conceito é largamente discutido.

Outra possível percepção, talvez ainda mais comum, é entender Florian como um rapaz possivelmente deprimido, tomado por uma desesperança, provavelmente fruto do pertencimento a uma geração exposta excessivamente às mídias. Podemos até nos perguntar a que tipo de conteúdo teria sido exposto esse garoto. Se foi a influência musical, dos *games*, dos programas de TV ou da ainda muito recente mídia digital⁴⁵, que poderiam gradativamente tê-lo influenciado a adotar uma postura excessivamente obscura e introspectiva que se refletiu numa fala tomada por protensão negativa. Atribuiríamos à sua afirmação um caráter de excepcionalidade, como se sua opinião pudesse ser isolada daquela usualmente compartilhada por indivíduos de sua idade.

Portanto, nossos questionamentos quanto à fala de Florian podem ter sua razão reduzida a um único ponto: há algo de inusual na fala do rapaz. Isso poderia ter motivos diversos, os quais acima tentamos apressadamente resumir. Seja como for, a declaração nos chama atenção e Stiegler, absolutamente ciente disso, constrói de forma engenhosa toda a sua argumentação compreendendo a afirmação como um todo como um sintoma de uma realidade contemporânea que ele se propõe a caracterizar ao longo de sua obra como a *Era da Disrupção*⁴⁶.

Mais uma vez nos voltamos ao fato de que nosso autor considera a fala do jovem como uma perfeita ilustração de uma sensação coletiva diante da realidade presente. Observemos como isso se desenvolve nas palavras de Stiegler:

No horizonte do *devenir* [*devenir*], Florian não vislumbra *futuro* [*avenir*] possível para sua geração – o que também quer dizer, para a espécie humana. Ele formula em termos claros, simples e aterrorizantes o que todos pensam, mas que todos reprimem [*refouler*] – exceto alguns que se lançam de avião contra as Torres Gêmeas, ou para as montanhas, ou para os mercados natalinos, ou pela janela de uma delegacia de polícia depois de terem matado ou ferido vinte e sete pessoas (...).⁴⁷ (STIEGLER, 2019, p. 10, tradução nossa)

⁴⁵ Caso Florian fosse um jovem de 15 anos na década de 2010 (especialmente na segunda metade) ao invés de o ser durante a virada do milênio, sem dúvidas, essa atribuição seria feita às redes sociais e seus viciantes algoritmos de personalização, capazes de criar uma “bolha” de conteúdos quanto mais nos interessarmos por publicações referentes a eles e àqueles que o são afins. O documentário/docudrama “O Dilema das Redes” (2020) é uma incrível ilustração desse efeito político na vida dos jovens contemporâneos.

⁴⁶ Temática discutida no capítulo 1.

⁴⁷ “In the horizon of *becoming* [*devenir*], Florian sees no possible *future* [*avenir*] for his generation – which is also to say, for the human species. He formulates in clear, simple and terrifying terms what everyone thinks, but which everyone represses – except a few who hurtle into the Twin Towers by plane, or into mountains, or into Christmas markets, or through the window of a police station after having killed or injured twenty-seven people (...).” (STIEGLER, 2019, p. 10)

Percebemos que o autor está plenamente ciente de que a fala de Florian não é usual. Stiegler nos ilustra, ainda, de forma amedrontadora, o efeito que podemos observar na realidade presente, caracterizado pela reação de alguns poucos indivíduos que não reprimem as afecções trazidas pela protensão negativa e escolhem *passer à l'acte*⁴⁸. De forma geral, podemos caracterizar esse efeito, no contexto da citação, como uma ação extremista e criminosa, de caráter excepcional, estimulada por sentimentos crescentes de incompreensão, medo, angústia diante de uma realidade contemporânea demasiadamente cambiante.

Se são poucos os indivíduos que de alguma forma tomam ciência dessa realidade e a expressam, seja por meio da verbalização ou do *passer à l'acte*, como é que seria possível generalizar o pensamento de Florian a toda uma geração? Vale notar que o próprio jovem afirma que quando conversa com colegas de idade próxima a sua “(...) todos eles dizem a mesma coisa (...)” (L'IMPANSABLE, 2006, p. 7). A proposta do presente capítulo é responder a essa e outras perguntas que a generalização do rapaz - e o seguinte desenvolvimento da argumentação stiegleriana em conformidade com ela - nos instiga a fazer.

4.1 Insuportabilidade do real

Algo que transpassa toda a obra de Stiegler voltada para a discussão da contemporaneidade é a tentativa de compreender as condições de existir em um momento da História demasiadamente veloz, assim como suas consequências para a vida humana. A tese desenvolvida no decorrer do presente trabalho versa que a condição da atual juventude é de total desamparo frente à realidade, tendo em vista que as grandes mudanças técnicas globais, que são capazes de modificar os mais diversos âmbitos de nosso contexto, afetam os jovens de forma direta, em um momento crucial da formação de sua psique.

⁴⁸ Podemos encontrar referências ao termo “*passer à l'acte*”, por exemplo, na obra freudiana, em traduções feitas para a língua francesa. Stiegler dedica todo um livro (STIEGLER, 2003) ao desenvolvimento dessa noção, que recebe em sua versão inglesa a tradução de “*act out*”. Não nos concentraremos nessa definição de forma muito detalhada buscando observar o escopo da discussão.

O que destarte denominamos como desamparo aparece na literatura stiegleriana no conceito de insuportabilidade. O termo deve ser entendido inicialmente em seu sentido primeiro, como ausência de qualquer tipo de suporte para o desenvolvimento. Ao pensarmos em nossa realidade, caracterizada pelo autor como parte da *Era da Disrupção*, na qual as condições de existir são demasiadamente voláteis, a ideia de uma existência insuportável [*insupportable*] se mostra como uma interessante chave de compreensão. Falta suporte econômico, político, existencial para servir como a estrutura, o substrato do desdobramento adequado de toda e qualquer existência humana.

Também, a insuportabilidade pode ser vista, talvez em seu sentido mais corriqueiro, como algo que somos incapazes de suportar. Dessa forma o conceito ganha uma tonalidade de algo excessivamente incômodo, desagradável, algo que causa aflição. A volatilidade própria de nosso tempo pode ser facilmente atribuída como o motivo para experimentar tamanha moléstia, que se expressa como uma condição psíquica (ansiedade, inquietação, sofrimento, depressão), corpórea (enfermidades do corpo físico, como doenças psicossomáticas) e política. O complexo efeito político decorrente de uma vivência insuportável nos é especialmente caro nesse ponto da discussão. Vale observar a forma um tanto drástica como Stiegler desenvolve a questão:

Diante dos medos expressos por Keynes, Freud, Dostaler, Maris e tantos outros antes e depois deles, diante da terrível 'protensão coletiva negativa' expressa por Florian, a tendência avassaladora é em direção à negação: parece praticamente impossível viver em consciência dos imensos perigos que a humanidade agora está cortejando – nos encontramos paralisados. Tentamos pensar em outra coisa, para manter aquela porção de energia que precisamos apenas para viver nossa vida cotidiana.

Assim como depois de Fukushima uma síndrome apagando a memória da catástrofe apareceu no Japão, aumentando a probabilidade de sua repetição, ou de algo ainda pior, também proliferam negacionistas de toda espécie por efeito desse mecanismo psíquico de defesa que é o autoengano [*auto-aveuglement*] e uma espécie de mentir para si mesmo, que as imensas pressões do bombardeio ideológico tentam consolidar e reforçar, a partir do qual se transforma em diversas formas de covardia.⁴⁹ (STIEGLER, 2019, p. 262, tradução nossa)

⁴⁹“Faced with the fears expressed by Keynes, Freud, Dostaler, Maris and so many others before and after them, faced with the terrible ‘negative collective protention’ expressed by Florian, the overwhelming tendency is towards denial: it seems practically impossible to live in awareness of the immense dangers that humanity is now courting – we find ourselves paralysed. We try to think of something else, to hold onto that portion of energy we need just to live our everyday life. Just as after Fukushima a syndrome erasing the memory of the catastrophe appeared in Japan, increasing the likelihood of its repetition, or of something even worse, so too deniers of all kinds proliferate through the effect of this psychic defence mechanism that is self-deception and a kind of

Para dar conta da possibilidade de generalização da fala de Florian como fruto de um pensamento coletivo frente à realidade contemporânea, Stiegler recorre à constituição própria da psique humana. O autor observa que há algo de estrutural na condição de ser humano que propicia processos complexos de negação do real. O trecho acima cita o mecanismo que possui a função de nos defender de situações caracterizadas como insuportáveis. Eventos catastróficos, como o caso do acidente de Fukushima, funcionam como um gatilho para que esse mecanismo tome conta de nossas ações de forma que sejamos capazes de continuar performando nossas tarefas diárias apesar deles.

Vale a esse ponto compreender melhor do que se trata essa ideia de negação abarcada por Stiegler como um processo de enganar a si mesmo. O termo, que vem ganhando recentemente mais atenção - especialmente quando utilizada a sua derivação “negacionismo” - tem um papel central na discussão política contemporânea, podendo ser identificado em momentos distintos da História. Vale observar o trecho abaixo, no qual o conceito é trabalhado por meio de uma obra específica sobre o tema:

Uma linha comum percorre as muito distintas histórias de negação: pessoas, organizações, governos ou sociedades inteiras recebem informações que são muito perturbadoras, ameaçadoras ou anômalas para serem totalmente absorvidas ou abertamente reconhecidas. A informação é, portanto, de alguma forma reprimida, negada, deixada de lado ou reinterpretada. Ou então a informação é 'registrada' bem o suficiente, mas suas implicações - cognitivas, emocionais ou morais - são evitadas, neutralizadas ou racionalizadas.⁵⁰ (Cohen, 2001, p.1, tradução nossa)

O que Cohen (2001) chama de um estado mental de negação é expresso de formas distintas por ações de nosso cotidiano. O autor chama atenção para a escolha do termo negação como uma “code word” (p. 3), uma espécie de termo guarda-chuva que pretende dar conta de formas diferentes de lidar com um fenômeno. Há uma linha comum, um fio que aproxima todas essas situações que podem ser vistas

lying to oneself, which the immense pressures of ideological bombardment attempt to consolidate and reinforce, by which it is turned into diverse forms of cowardice.” (STIEGLER, 2019, p. 262)

⁵⁰ “One common thread runs through the many different stories of denial: people, organizations, governments or whole societies are presented with information that is too disturbing, threatening or anomalous to be fully absorbed or openly acknowledged. The information is therefore somehow repressed, disavowed, pushed aside or reinterpreted. Or else the information ‘registers’ well enough, but its implications - cognitive, emotional or moral - are evaded, neutralized or rationalized away.” (Cohen, 2001, p.1)

como uma tentativa de interpretar a realidade de forma diversa da forma que se apresenta no real.

Por vezes reinterpretadas, por vezes completamente evitadas, as problemáticas do real se dão enquanto fenômenos do cotidiano, com os quais precisamos lidar de uma forma ou de outra. Desde grandes tragédias findadas até situações que ainda não se deram, como a perspectiva de um fim do mundo, percebemos que a negação é da ordem da política. A raiz da questão reside em um mecanismo muito próprio da nossa psique, que afeta nossa vivência enquanto sociedade e tem implicações nas vidas humanas e não-humanas:

Decerto, a finitude empírica da espécie é algo que a grande maioria das pessoas letradas aprendeu a admitir desde, pelo menos, Darwin. (...) Mas quando as escalas da finitude coletiva e da finitude individual entram em uma trajetória de convergência, essa verdade cognitiva se torna subitamente uma verdade afetiva difícil de administrar. Uma coisa é saber que a Terra e mesmo todo o Universo vão desaparecer daqui a bilhões de anos, ou que, bem antes disso mas em um futuro ainda indeterminado, a espécie humana vai se extinguir - este último saber é, de resto, frequentemente neutralizado pela esperança de que "iremos nos transformar em outra espécie" (noção que carece de qualquer sentido preciso) -; outra coisa, bem diferente, é imaginar a situação que o conhecimento científico atual coloca no campo das possibilidades iminentes: a de que as próximas gerações (as gerações próximas) tenham de sobreviver em um meio empobrecido e sórdido, um deserto ecológico e um inferno sociológico. Uma coisa, em outras palavras, é saber teoricamente que vamos morrer; outra é receber de nosso médico a notícia de que estamos com uma doença gravíssima, com provas radiológicas e outras à mão. (DANOWSKI, D. & VIVEIROS DE CASTRO, E., 2017, p.33)

As palavras de Danowski e Viveiros de Castro chamam a atenção para uma perspectiva que se constrói a cada dia, com provas cabais de sua veracidade científica⁵¹ e potencial destruidor. O “inferno sociológico” se constrói à medida que o “deserto ecológico” se apresenta nas grandes tragédias naturais, derretimento de geleiras, extinção acelerada de espécies da fauna e da flora e tantos outros eventos. Admitir que eventos desse tipo já nos cercam e tendem a se tornarem cada vez mais frequentes esbarra no contraste apresentado acima pelos conceitos de “verdade cognitiva”, como certeza da finitude individual e coletiva em algum momento da História e a “verdade afetiva”, enquanto uma finitude presentificada, que já se desenrola independente da escolha de fecharmos nossos olhos para ela.

⁵¹A esse respeito, vale a leitura da seguinte publicação do Observatório do Clima: <https://www.oc.eco.br/uma-questao-de-sobrevivencia/>. Acesso em: 02/04/2023.

Tendo em vista o enorme comprometimento ambiental causado pela apropriação de recursos naturais (desde combustíveis fósseis para o transporte de bens de consumo a minérios utilizados para fabricação de *microchips*) para a produção de artefatos tecnológicos, é difícil não perceber a correlação entre a crescente tecnologização da sociedade e as catástrofes ambientais. Ainda assim, verificamos, tendo por princípio nosso mecanismo psíquico de negação do real, uma grande ignorância com relação a esse tema⁵².

A problemática apresentada se resume em um processo complexo de negação, que tem por origem um mecanismo próprio da nossa psique, que é, portanto, comum à humanidade. Nesse sentido, a percepção de uma perspectiva iminente de um fim do mundo esbarra na possibilidade de pensar algo demasiadamente incômodo, insuportável, que é o fim de sua existência, dos demais que a compartilham consigo e de vários outros seres que dependem de certas condições terrenas para sua sobrevivência. Esse fato nos leva a indagar se é minimamente possível pensar o fim de tudo - que denominamos de forma simplificada como mundo - se somos de fato condicionados por mecanismos que fazem uso de subterfúgios para nos proteger do mero pensar a finitude.

Seja como for, nossa jovem personagem, humano como todos nós, foi capaz de pensar e verbalizar sua angústia diante do fim. Mesmo que condicionado por mecanismos de defesa de nossa mente, limitantes de nossa capacidade de pensar a finitude, mesmo que cercado pela mídia televisiva e digital, capaz de nos distrair com seus aparatos extremamente viciantes, Florian foi capaz de pensar e pôr em palavras aquilo que seus pares sentem, mas não expressam. Cabe, portanto, analisar mais detidamente a possibilidade de generalização.

4.2

O não-pensamento das novas gerações: tecnologia e negação

A introdução das grandes mídias na vida diária dos indivíduos no século XX foi o momento em que a relação com os aparatos demandantes de atenção se tornou

⁵² Além, é claro, daquelas diversas pessoas que conscientemente escolhem negar a evidente correlação.

uma questão de especial interesse filosófico. Inicialmente o rádio e, mais tarde, a rede televisiva tiveram um forte impacto na forma como os indivíduos se relacionam entre si e com o ambiente que os cerca. É na obra “*Taking Care of Youth and the Generations*” (STIEGLER, 2010) que nosso autor desenvolve de forma mais detalhada o impacto do *broadcast* televisivo na psique humana, especialmente em épocas cruciais de seu desenvolvimento, como é o caso da infância e adolescência.

Todavia, é o processo de encolhimento de aparatos técnicos, com o fim de serem transportados para qualquer lugar, que radicaliza a relação individual e coletiva com as mídias. O processo de desenvolvimento da tecnologia, que hoje podemos chamar de ubíqua, passa necessariamente pela diminuição do tamanho físico dos aparatos. Hoje, aparelhos que constantemente solicitam a nossa atenção, especialmente os *smartphones*, possuem um comprimento suficientemente pequeno para que possamos guardá-los em nossos bolsos e acessar a internet de praticamente qualquer lugar do mundo contando com a tecnologia da conexão sem fio. Cada vez de forma mais veloz surgem novas tecnologias disruptivas⁵³ capazes de mudar a forma que interagimos com a realidade, possibilitando que mais e mais tarefas possam ser realizadas no ambiente virtual.

Tendo isso em vista, é impossível considerar que a forma como interagimos com os aparelhos se assemelhe a qualquer momento anterior da História. Necessariamente a maneira como interagimos com o mundo à nossa volta se modifica significativamente no presente século diante de mudanças tão significativas de hábitos⁵⁴ diários - com presença massiva de aparelhos não mais dependentes de um ambiente fixo - de parte significativa da população. Nesse sentido, Stiegler afirma:

[t]odos nós, ou quase todos, estamos agora mais ou menos envolvidos por objetos que nos solicitam constantemente, a tal ponto que já não prestamos atenção a nós próprios, nem ao que, dentro de nós, exige reflexão: nós já não temos o tempo para fazê-lo, nem tempo para sonhar. Sem trégua, somos pilotados, se não controlados remotamente. Como resultado, torna-se muito difícil identificar nossas próprias práticas de negação, isto é, torna-se muito difícil pensar. Pois pensar é também, e acima de tudo, de alguma forma, superar uma forma de negação na qual

⁵³ Sobre a Era da Disrupção e tecnologias disruptivas, ver capítulo 1.

⁵⁴ Acerca das mudanças quanto tempo gasto em frente às telas pela população brasileira, ver: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/08901171231152147>. Acesso em 01/04/23.

nos acomodamos.⁵⁵ (STIEGLER, 2019, p. 276-277, tradução nossa).

O trecho supracitado chama atenção pela eloquência com a qual Stiegler traz a questão da atenção diante de um mundo cada vez mais absorvido pelas mídias digitais. Se nos concentramos por tempo demasiadamente grande nas telas, a tendência é que menos tempo se tenha para aquilo que se apresenta enquanto um fenômeno externo ou interno ao indivíduo. Mais do que isso, vivemos em um momento em que a tecnologia se apresenta de forma ubíqua, fazendo autores como Luciano Floridi (1964 - ...) formularem conceitos novos⁵⁶ com o objetivo de caracterizar uma existência em que diferenciar o real do virtual torna-se uma tarefa difícil, se não despropositada, tendo em vista as grandes mudanças contemporâneas nos relacionamentos interpessoais, políticos, sociais.

Retomando brevemente a temática da seção anterior, podemos perceber que hoje precisamos lidar não só com um mecanismo que direciona a nossa psique à negação, mas também com uma circunstância muito própria da contemporaneidade: a retenção de atenção por aparatos de mídia cada vez mais atrativos. Nas últimas décadas, tal solicitação de atenção vem se mostrando muito mais eficiente, tendo em vista os complexos algoritmos de seleção de conteúdo⁵⁷, alimentados pelos nossos dados de navegação. Portanto, se não bastava a constituição de nossa psique que nos leva frequentemente para um caminho de negação, as novas mídias tendem a fazê-lo primariamente a partir de seu grande potencial de engajamento.

⁵⁵ “[a]ll of us, or almost all, are now more or less caught up in objects that constantly solicit us, to such an extent that we no longer pay attention to ourselves, nor to what, within us, requires reflection: we no longer have the time to do so, nor the time to dream. Without respite, we are piloted, if not remotely controlled. As a result, it becomes very difficult to identify our own practices of denial, that is, it becomes very difficult to think. For to think is also and above all, in some way, to overcome a form of denial into which we have settled.” (STIEGLER, 2019, p. 276 - 277)

⁵⁶ Luciano Floridi é editor do renomado “The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era” (2015), no qual caracteriza a ideia de uma *onlife*, neologismo que articula as palavras “online”, para caracterizar a presença no mundo digital e “life”, vida. O conceito tenta dar conta de uma existência perpassada pelas realidades empírica e virtual, na qual ambas se misturam, devido à onipresença tecnológica, não sendo mais uma tarefa fácil separá-las e muito menos julgar que uma delas tenha um status ontológico de “real” enquanto a outra não o tem.

⁵⁷ Vale a leitura de um resumo didático do funcionamento de algoritmos utilizados por muitas das grandes redes sociais atuais: “Vamos supor que um algoritmo esteja lhe mostrando uma oportunidade de comprar alguma coisa cinco segundos depois de você ter visto um vídeo de gato muito divertido. De vez em quando, um algoritmo adaptável fará um teste automático para descobrir o que acontece se o intervalo for mudado para quatro segundos e meio, por exemplo. Será que isso aumentou a probabilidade de você comprar? Se aumentou, esse ajuste no tempo pode ser aplicado no futuro não apenas ao seu feed, mas aos de milhares de outras pessoas que parecem estar correlacionadas a você por alguma característica, de preferências de cor a padrões de direção.” (LANIER, 2010, p. 20)

Cabe, a esse ponto, reformular a hipótese levantada por Florian e reiterada por nós de que a sua fala poderia ser generalizada para toda sua geração. É evidente que esse não é um discurso ouvido com muita frequência, o que faz, inclusive, com que chame tanta atenção. É manifesto também que haveriam motivos múltiplos para que tal enunciação fosse proferida pelos jovens frequentemente, tendo em vista o cenário catastrófico que se desenrola enquanto perspectiva contemporânea. No entanto, segundo a formulação de Stiegler, a fala do jovem não se expressa enquanto pensamento de uma geração, mas enquanto um não-pensamento. Seria algo, portanto, “(...) que todos sentem, mas sem ter uma ideia clara de como descrever esse sentimento (...)” (STIEGLER, 2019, p. 273, tradução nossa).

No capítulo anterior, vimos que diversos autores, especialmente aqueles ligados ao estrutural-funcionalismo (3.3), são capazes de perceber a existência de uma conexão, uma liga que une os jovens, mesmo que de diferentes condições socioeconômicas, culturais e de gênero. A idade cronológica dá conta de parte dessa questão, mas é o conceito de geração que de fato se mostra como o mais satisfatório, tendo em vista que leva em consideração não somente a idade biológica, mas também a perspectiva histórica. O vínculo entre pares de geração é extremamente complexo e rico para o estudo sobre a juventude, podendo ser considerado como “(...) uma verdadeira fraternidade face aos estímulos de uma época, uma diacronia compartilhada, uma simultaneidade em processo que implica uma cadeia de acontecimentos dos quais se pode dar conta em primeira pessoa (...)” (MARGULIS, URRESTI (ed.), 1996, p. 26, tradução nossa).

A esse respeito, observemos:

Não é o mesmo ter vinte anos do que ter trinta e cinco, sendo homem ou sendo mulher; esses anos de diferença são um abismo na circunstância histórica que temos que viver, na qual os tempos se aceleraram a tal ponto que diferenças de cinco anos levam a habitar quase em mundos diferentes. Não é a mesma coisa ter sido socializado antes ou depois do rádio, da televisão em cores ou por cabo, ou do computador multimídia, mesmo quando não presentes em todas as casas. Também não é a mesma coisa ter chegado à maturidade sexual nos anos de libertação durante a década de 60 do que nos anos 90, quando a ameaça da AIDS era forte. A marca histórica da época também é determinante, mesmo que seja processada considerando as determinações de classe. Além das diferenças sociais explícitas, deve-se prestar atenção ao encadeamento de eventos que vão constituindo a estrutura, ao seu caráter sedimentado de experiências acumuladas. A geração é o jogo no qual as classes vão se tornando responsáveis pela tradição, pelo tempo que corre paralelo ao desenvolvimento das lutas sociais. A geração é uma estrutura transversal, a da experiência histórica, a da memória

acumulada.⁵⁸ (MARGULIS, URRESTI (ed.), 1996, p. 26, tradução nossa)

Se é verdade que a juventude compartilha entre si uma espécie de retenção social, que tem relação com a História na sua perspectiva factual, podemos também estender o discurso de Florian, mesmo que enquanto um não-pensamento, aos seus pares de geração. Como já discutimos na seção anterior, há algo de muito latente na realidade tangível no que diz respeito a uma mudança profunda de paradigmas a partir das cambiantes condições de existência contemporânea. A tecnologização da sociedade tem efeitos inúmeros na vida individual e coletiva (algumas das quais discutimos no capítulo 1), tornando o real uma grande massa volátil, que as gerações anteriores (dos pais, avós e outros ancestrais vivos) desconhecem totalmente. Como efeito, falta-lhes a possibilidade de comunicação do *savoir-vivre* [saber-viver] necessário a toda e qualquer juventude para sua sobrevivência no mundo.

De um lado, jovens desenvolvendo seu aparato psíquico e faculdades sociais diversas em um mundo demasiadamente instável, de outro, gerações mais velhas compartilhando com eles um mundo para o qual lhes faltam ferramentas de compreensão. É verdade que o ensino do *savoir-vivre* sempre passou por uma tensão diante da realidade que era comum às gerações anteriores e aquela que se apresenta no presente, todavia, jamais houve uma discrepância tão grande entre “mundos” em um período tão curto de tempo, o que caracteriza a Era da Disrupção, tema central de estudo para Stiegler. Isso nos mostra que nossa juventude atual está abandonada a uma realidade completamente desconhecida por eles próprios e por seus cuidadores, sem deter possibilidades de interpretar o real porque excessivamente cambiante.

⁵⁸“No es igual tener veinte años que treinta y cinco, siendo hombre o siendo mujer; esos años de diferencia son un abismo en la circunstancia histórica que nos toca vivir, en la que los tiempos se han acelerado hasta tal punto que diferencias de un lustro llevan casi a habitar en mundos distintos. No es lo mismo haberse socializado antes o después de la radio, de la televisión en color o por cable, o de la computadora multimedia, aún cuando no estén presentes en todos los hogares. Tampoco es lo mismo haber llegado a la madurez sexual en los años de la liberación durante la década del ‘60 que en los años ‘90, cuando pesa la amenaza del Sida. La marca histórica de la época es también determinante, aún cuando se la procese atendiendo a las determinaciones de clase. Además de las diferencias sociales explícitas, hay que atender al encadenamiento de acontecimientos que van constituyendo la estructura, a su carácter sedimentado de experiencias acumuladas. La generación es el juego en el que las clases se van haciendo cargo de la tradición, del tiempo que corre paralelo al desarrollo de las luchas sociales. La generación es una estructura transversal, la de la experiencia histórica, la de la memoria acumulada.” (MARGULIS, URRESTI (ed.), 1996, p. 26)

Em uma realidade que se apresenta dessa maneira, a negação parece se mostrar como um mecanismo elementar para a sobrevivência e desenvolvimento minimamente saudável de um indivíduo. No entanto, Florian, diferentemente de seus pares, verbaliza explicitamente suas angústias, que anteriormente precisam passar por um processo de semantização diante das condições de existência. Stiegler resume esse processo da seguinte forma: “(...) diferentemente de Florian, de toda forma, nós preferimos não dizê-lo: nós não queremos saber.” (STIEGLER, 2019, p. 173, tradução nossa). Quer dizer, o discurso de nosso jovem, assim como qualquer enunciação desse gênero, depende de permitir-se olhar para negação que nos assola e pensar sobre ela e para além dela, com o objetivo de efetivamente compreender, saber, pensar diante dos fenômenos que se apresentam. A diferença efetiva entre Florian e seus pares não é a mera percepção da realidade, e sim o processo de noetização diante dela.

Se a negação nos é própria segundo a forma como nossa mente opera, agravada ainda pelo processo de sequestro de atenção contemporâneo, o que nos resta enquanto indivíduos autônomos é buscar identificá-la, analisá-la e, com sorte, desfazê-la. Stiegler caracteriza esse processo reflexivo como a própria atividade de pensar, prática sempre responsável por identificar e operar em algum processo de negação. A Filosofia tem um papel singular nesse esquema, tendo em vista que ela “(...) não é simplesmente *episteme*, mas também a incessante problematização e questionamento da *episteme*” (STIEGLER, 2010, p.111, tradução nossa).

Conclusão

Inicialmente, no primeiro capítulo, buscamos dividir a fala de Florian em três partes, de forma que tivéssemos um *checklist*⁵⁹ de cada temática necessária para o desenvolvimento do projeto. Com esse empreendimento, fomos capazes de extrair o máximo de questões a serem levantadas a partir de um discurso, que apesar de ter apenas algumas linhas, levanta inúmeras perguntas sobre a existência contemporânea de nossos jovens.

Parte da tarefa de compreender o porquê de Florian produzir uma verbalização tão marcante é observar a caracterização stiegleriana do tempo em que o jovem se encontrava inserido. A definição de Stiegler para isso é a noção de *disrupção*, um termo que ganhou certa popularidade, mas que ainda (ou mesmo, por isso) necessita de uma conceituação bastante acurada. Para isso, observamos como a ideia surgiu, se desenvolveu na área de negócios e teve seu uso bastante vulgarizado nos últimos tempos. Por outro lado, observamos como nosso autor desenvolveu minuciosamente o seu conceito de *Era da Disrupção*, ilustrando a violência e a rapidez com a qual a tecnologia contemporânea se desenvolve.

Nossa personagem demonstra em sua fala uma ação muito corriqueira para todos nós que é projetar o nosso futuro, mas que talvez jamais tenhamos feito uma reflexão conceitual a respeito. Para compreender melhor esse movimento foi necessário desenvolver ao longo do capítulo 2 a noção stiegleriana de *protensão*, com o auxílio dos conceitos de horizonte de expectativa e espaço de experiência (KOSELLECK, 2006). Observamos a ideia de uma protensão coletiva como uma forma de projetar futuro comum a si e seus congêneres, podendo ser positiva ou negativa, sendo este o caso de Florian, que vê no horizonte de sua geração o fim dos tempos.

A forma como Florian projeta o seu futuro e o de sua geração necessariamente tem relação com o período histórico no qual ele está inserido.

⁵⁹ Poderíamos dizer que trata-se de um roteiro, porém poderíamos dar uma impressão de sequencialidade que não se confirma no decorrer do trabalho. Esse nunca foi o objetivo, tendo por motivação a complexidade intrínseca à empreitada de analisar fenômenos históricos e sociais extremamente multifacetados. Por isso, é aqui chamado de um *checklist*: uma lista de processos importantes a serem retratados de forma coesa para a organização interna ao projeto.

Nessa linha, nos propusemos a pensar a protensão pela perspectiva histórica, observando inicialmente como os indivíduos modernos constituíam suas protensões a partir da quimera de um progresso técnico-científico contínuo. Em seguida percebemos que do terceiro quarto do século XX para frente, há uma mudança na forma de se projetar o futuro, tendo a técnica não mais como uma ferramenta de controle da realidade, mas sendo capaz de anular o futuro pelas consequências da tecnologização da vida diária. Fica claro que nossa personagem não só se insere em seu tempo como um cidadão pensante capaz de perceber nuances da realidade que vêm sendo transmutadas, mas também este pensamento não é de um único indivíduo isolado.

No terceiro capítulo, vimos a necessidade de dar conta de terminologias como “juventude” e “geração”, utilizadas na fala de Florian, mas que não foram tratadas de forma específica na literatura stiegleriana. Entendemos que Stiegler traz como recurso retórico para suas obras a urgência de tratar de um fenômeno recente, podendo a partir disto trabalhar os problemas dos quais pretende se ocupar. Esse método tem vantagens, como o rápido engajamento do leitor, mas também a notável desvantagem de passar por conceituações importantes de forma muito apressada. Nesse sentido, o excursão sociológico se tornou uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento de um trabalho especificamente sobre a temática da juventude a partir de uma perspectiva geracional.

Percebemos que a Sociologia da Juventude se ocupa dessas questões de forma bastante rica para a nossa discussão, fazendo um trabalho notadamente conceitual, o que julgamos ser necessário nesse momento. Segundo a divisão proposta por Groppo (2017), podemos dividi-la em três correntes: o estrutural-funcionalismo, as teorias críticas e as teorias pós-críticas. Trabalhamos cada uma delas em sua própria seção, visando dar conta dos pensadores e pensamentos mais relevantes para a discussão que nos propusemos a fazer.

Buscamos mostrar que a concepção de juventude muda ao longo da História e que é um espaço de disputa política bastante relevante. Da mesma forma, o conceito de geração é formulado a partir da noção de que os jovens compartilham certas concepções, vontades e pensamentos, sendo relevante, inclusive do ponto de vista de políticas públicas, considerá-los parte de uma mesma geração. Não há nada de arbitrário nesse recorte etário, tendo em vista que a vivência em um certo período histórico tendo uma idade pouco avançada constitui uma espécie de “liga” entre os

pares, como Florian nos mostra em seu discurso quando o atribui como fala também de seus pares de geração.

Tratamos também sobre a situação juvenil que vem se construindo pelo menos desde o terceiro quarto do século passado de precarização de suas condições de existência. Existe um hiato muito relevante entre as múltiplas possibilidades que o desenvolvimento tecnológico parece demonstrar e a realidade, marcada pela redução de oportunidades de trabalho, aumento da desigualdade social e mudanças climáticas. A juventude, submetida a essas condições, se vê incapaz de planejamento a longo prazo diante de tamanha imprevisibilidade.

No último capítulo buscamos dar conta da generalização da fala de Florian como algo comum a toda a sua geração. O jovem ilustra essa pretensão ao nos dizer: “Quando eu falo com jovens da minha geração, aqueles com dois ou três anos de diferença com relação a minha idade, todos eles dizem a mesma coisa (...)” (L’IMPANSABLE, 2006, p. 7). Também, Stiegler parece ter a mesma percepção, já que usou a fala do adolescente como forma de interlocução em seu livro sobre a disrupção (STIEGLER, 2019), para o desenvolvimento de todo o seu argumento.

Num primeiro momento, desenvolvemos o conceito de negação e atribuímos sua relevância como um mecanismo de autocuidado, mas também de autoengano da nossa psique. Diante de situações insuportáveis, catastróficas diversas, nossa psique tende a nos proteger se distanciando da realidade fenomênica por meio da negação. Esse que é um subterfúgio que nos é comum enquanto seres humanos, tem uma consequência bastante grave, que é a inação diante de eventos que dependem de nossa atenção por não estarmos plenamente cientes (ao menos no nível consciente) deles. Isso se torna especialmente amedrontador ao pensar nesse processo para os jovens que são aqueles em quem é posta a expectativa de serem agentes de mudança a médio e longo prazo.

Frente a isso, buscamos reformular a hipótese inicial de que o discurso de Florian seja comum à sua geração. Acreditamos que discursos similares não sejam ouvidos frequentemente porque constituem um não-pensamento da juventude, tendo em vista a caracterização da negação como mecanismo psíquico comum a todos nós. Como a situação geracional da atualidade se caracteriza pela não-verbalização expressa das inseguranças diante de situações tão latentes do nosso tempo, é possível considerar que a maioria dos jovens não se expressa de forma

satisfatória nesse sentido, constituindo o que caracterizamos como um não-pensamento.

Também, nosso autor vê a atividade do pensamento como um processo doloroso, do qual nossa psique tende a correr, porque quando feito de forma autêntica, tende a questionar as raízes de muitos dos preconceitos que construímos. Muitas vezes esse conhecimento será insuportável, no sentido de nos deixar sem suporte para compreender a realidade, o que atua como um forte desestímulo, tendo em vista a tendência negadora de nossa mente. Porque extremamente profunda, essa abordagem exige de nós tempo, atenção aos estímulos internos e externos e muita cautela.

Diante de tantas ameaças existenciais muito próprias da contemporaneidade seria demasiadamente frustrante (ou mesmo pessimista, na visão stiegleriana) não pensar em algumas possíveis formas de mitigação. Isso se torna especialmente verdadeiro para nós educadores, percebendo a realidade de nossos adolescentes, que como Florian, se encontram completamente abandonados a uma realidade para a qual se sentem despreparados. Como professores, nós compartilhamos com os tutores (pais, responsáveis) a importantíssima tarefa de transmissão do *savoir-vivre*, difícilíssima num período como o nosso, no qual as condições mudam tão rapidamente a ponto de não sermos capazes de acompanhá-las. Muitos de nós, vale dizer, jovens professores, que não só trabalham com e para a juventude, como fazem parte dela.

Cabe nesse momento reunir algum material para refletir sobre possíveis formas de mitigação dos diagnósticos que o presente trabalho buscou informar. Existem alguns caminhos possíveis para esse investimento e discutiremos brevemente os três que parecem ser mais notáveis, buscando também justificar a preferência por uma ênfase mais alongada no último deles. Primeiramente falaremos da perspectiva individual evidenciada por Stiegler pela escolha por uma atitude corajosa frente ao mundo. Depois esboçaremos um comentário sobre a perspectiva cultural, também já comentada pelo autor, a partir do restabelecimento de ritos como uma possibilidade de reconexão com o *savoir-vivre* ancestral. Por fim, daremos preferência por discutir a possibilidade de uma via pedagógica de mitigação, explorando algo da realidade brasileira.

A primeira das vias a ser discutida se baseia na proposta stiegleriana de uma atitude corajosa frente ao fim do mundo. Essa proposta está em consonância com a discussão do capítulo 4, quando falamos sobre a negação e o seu efeito na psique

humana e, portanto, em nossas atitudes frente à realidade. Stiegler entende que existem mecanismos que condicionam a nossa mente, sendo parte deles inatos e comuns a todos nós e outros externos, tornando o pensamento algo determinado por diversos fatores aos quais o indivíduo está, ao menos na maior parte do tempo, aquém.

Como já havíamos sinalizado, os condicionamentos de nossa mente podem ser trabalhados visando a reversão de certas conceituações. Florian é um importante exemplo de alguém capaz não só de construir um pensamento complexo acerca da realidade comum a si e a seus pares, como também verbalizá-lo, enunciá-lo de forma eloquente. Tanto a semantização quanto a enunciação passam, segundo Stiegler, pela afecção da coragem (em contraposição à covardia):

Pensar com cuidado [penser en pansant], em outras palavras, é ter a coragem de pensar, de contrapor essa covardia que impede o pensamento - e que o faz dentro do próprio pensamento, o que significa que, em primeiro lugar, é pensar (e pensar com cuidado) a covardia como tal, na medida em que é algo do qual não há escapatória. É conduzir, por todos os meios possíveis, essa luta que é, em primeiro lugar, consigo mesmo - e por todos os meios que possam restabelecer o desejo, a esperança, a confiança, a coragem e, portanto, a razão (para a esperança) diante do que parece acima de tudo tornar tudo isso impossível⁶⁰. (STIEGLER, 2019, p. 264, tradução nossa)

O conceito de cuidado citado acima é extremamente inflado na Filosofia, remetendo a autores como Martin Heidegger⁶¹ e sua Analítica Existencial. É inegável que Stiegler herda parte significativa dessa tradição, não somente em sua conceituação de cuidado, mas em sua discussão sobre a contemporaneidade de forma mais abrangente. De toda forma, aqui o autor francês nos apresenta uma definição bastante econômica do que chama de *penser en pansant*, compreendendo este processo como aquele que é próprio da atividade filosófica: a concentração no fenômeno para além daquilo que se apresenta.

⁶⁰“To think by caring [penser en pansant], in other words, is to have the courage to think, to counter this cowardice that prevents thinking – and that does so within thinking itself, which means that it is firstly to think (and to think care-fully) cowardice as such, inasmuch as it is something from which there is no escape. It is to conduct, by all means possible, this fight that is firstly with oneself – and by all means that can re-establish desire, hope, trust, courage and therefore reason (for hope) in the face of what seems above all to make all of these impossible.” (STIEGLER, 2019, p. 264)

⁶¹Heidegger explora a conceituação de cuidado a partir de uma perspectiva estrutural, entendendo o cuidado como atenção intrínseca do ser humano para consigo mesmo e aos entes que integram sua totalidade existencial. Para tal, divide essa estrutura em duas modalidades: *Besorgen* (ocupação) e *Fürsorge* (preocupação). A primeira diz respeito ao se ocupar do não-humano, da atenção pragmática que se deve ter com o habitual. Já a segunda, fala sobre o ocupar-se do outro, sendo esta sim uma ocupação estritamente humana.

Nosso autor compreende que esse processo é uma verdadeira batalha do indivíduo contra si mesmo, uma “queda de braço” entre a mente covarde que nos conduz para a negação dos fenômenos e a “parte” corajosa que insiste que é preciso compreender profundamente os processos internos e externos. É por essa razão que Stiegler associa a atividade de pensar, bem como a de verbalizar o pensamento, à ideia um tanto quanto genérica de coragem (e de covardia por oposição). Há a necessidade de pensar novamente, cuidadosamente, mesmo com todos os impulsos tendendo para a negação.

A proposta pode despertar o nosso interesse de início, mas apresenta algumas questões problemáticas. Em primeiro lugar, continuamos a lidar com um problema que nos foi comum ao longo do desenvolvimento do trabalho: falta uma conceituação mais clara do que exatamente seria a coragem e o pensar corajosamente. Em seguida, a questão que se põe é a de que uma atitude corajosa é uma conduta individual, enquanto insistimos incessantemente ao longo do trabalho em uma perspectiva coletiva, em uma tentativa de generalização da fala de Florian para sua geração. Seria, assim, um tanto incoerente discutir algo excessivamente individualista na conclusão. O que nos leva ao ponto final: ter uma atitude corajosa diante do mundo não é algo a que se podem dar ao luxo muitos dos jovens das novas gerações, tendo em vista que lhes falta o básico: cuidado, alento, afeto e, muitas vezes, condições mínimas de subsistência.

Portanto, acreditamos que a proposta, embora muito interessante, não dá conta dos problemas que apresentamos de forma mais abrangente. Uma atitude corajosa frente aos grandes problemas que enfrentamos na realidade presente é algo extremamente significativo e não deve ser descartado, todavia, o projeto pretendeu dar conta de um recorte populacional que talvez não se beneficie plenamente de uma proposta individualista. Por isso, partiremos para a próxima discussão, agora de uma de uma ação coletiva.

O segundo plano a ser discutido é aquele do restabelecimento de ritos. Esse é um tema bastante caro a Stiegler, sendo trabalhado com detalhes em vários de seus livros, incluindo o que está em nossa bibliografia principal: *Taking Care of Youth and the Generations* (2010). Como veremos nos próximos parágrafos, não vemos essa proposta como inadequada para o escopo, mas sim percebemos a necessidade de um maior delineamento da questão com o objetivo de tornar a discussão mais palpável.

O autor discute a temática da transmissão do conhecimento de vida [*savoir-vivre*] como uma relação intergeracional essencial para o estabelecimento de ritos e cultura. Essa transmissão é, segundo ele, feita primariamente no seio familiar, com os antepassados vivos das crianças daquele círculo se utilizando de músicas, brincadeiras, contação de histórias para capturar a atenção dos mais novos e sutil e paulatinamente transmitir os ensinamentos desejados. Tal processo deve perpassar a vida da criança e se estender pela sua juventude, momento que as formas de trocar com as outras gerações não necessitam mais ser tão lúdicas, podendo se converter em diálogos, em momentos de refeições em grupo, por exemplo.

Essa forma de transmissão de conhecimento tem por feliz consequência o estabelecimento de conexões das gerações mais jovens com ancestrais vivos, mas também com ancestrais mortos que sequer conheceram, mantendo vivas histórias, tradições e ensinamentos importantes. Nas palavras do autor:

(...) a interiorização da herança das gerações anteriores só [é] possível pela natureza organológica (terciária) da memória, esta transmissão pressupõe ela mesma uma estreita relação intergeracional que só pode ser alcançada como educação através de uma relação que ligue a criança, como menor, sem acesso ao princípio de realidade, a antepassados vivos. Esses ancestrais vivos servem então como transmissores da experiência acumulada ao longo de muitas gerações, conectando a criança com os ancestrais mortos; tal processo de transmissão é a própria formulação e formalização do princípio de realidade em suas múltiplas formas de conhecimento (saber viver, saber o que fazer, saber como pensar [*savoir-vivre, savoir-faire, savoir-theorique*]).⁶² (STIEGLER, 2010, p. 7, tradução nossa)

Observamos que Stiegler define esse processo de transmissão de conhecimento entre as gerações mais antigas e mais novas como educação. Infelizmente, o que vemos hoje no contexto das sociedades contemporâneas é a escassez de tempo disponível para se ter contato com a família. É evidente que essa não é uma exclusividade de nossos tempos, na verdade, o trabalho no seio do capitalismo industrial pressupunha jornadas de trabalho longas, bem como o trabalho feminino de parte significativa da população. Hoje, no entanto, contamos

⁶²“(...) as the internalization of the heritage of previous generations, only possible because of memory's organological (tertiary) nature, this transmission itself presupposes a close intergenerational relationship that can be achieved only as education through a relationship linking the child, as a minor with no access to the reality principle, with living ancestors. These living ancestors then serve as transmitters of experience accumulated across many generations, connecting the child with dead ancestors; this transmission process is the very formulation and formalizing of the reality principle in its many forms of knowledge (knowing how to live, knowing what to do, knowing how to think [*savoir-vivre, savoir-faire, savoir-theorique*]).” (STIEGLER, 2010, p. 7)

ainda com objetos de retenção de atenção, introduzidos no capítulo final, que parecem nos transportar para outro espaço, mesmo que estejamos ali na presença de nossos familiares.

Stiegler define a educação como “*metacuidado*, não um cuidado do corpo, nem mesmo de vários corpos, mas sim o que há séculos chamamos de ‘almas’, que coletivamente constitui um espírito.” (STIEGLER, 2010, p. 177), não podendo ser limitada à transmissão de conhecimento de vida experienciado no ambiente familiar. Quer dizer, a educação dentro do contexto da família é de suma importância para a criação de vínculos muito complexos de pertencimento e cultura, todavia, a escola, como espaço de ensino formal, também atua como um espaço de cuidado e de transmissão de conhecimento que liga os alunos enquanto um coletivo a seus ancestrais comuns, ao conhecimento científico construído ao longo dos séculos, à História comum a todos nós.

Tendo tudo isso em vista, vê-se a via pedagógico-educacional como a mais apropriada para a discussão final. É verdade que a via que acabamos de discutir é também uma via educacional, mas agora pretendemos delinear-la de forma mais adequada como educação formal, como o ambiente escolar e suas particularidades. Temos por objetivo dar conta de instigar uma discussão que diga respeito a toda uma geração coletivamente, não excluindo a importância do núcleo familiar, especialmente em tempos como os nossos que parecemos ter cada vez menos tempo para esse tipo de conexão, mas sim pensando em uma forma de tratar da juventude de uma maneira mais abrangente⁶³ e não pela separação nuclear em diferentes grupos familiares.

Enfim, discutiremos a última das vias apresentadas como mais relevante para pensar em possibilidades de mitigação da existência da juventude: a via educacional. A escolha por essa via tem por justificativa principalmente o fato desse projeto ter sido construído a partir de uma literatura stiegleriana muito voltada para o cuidado das mentes e corpos da população jovem. A conclusão não poderia ser diferente, pretendemos aqui pensar em formas de mitigação que digam respeito a

⁶³É evidente que não são todos os jovens que fazem parte da geração de Florian que tiveram acesso à educação formal plenamente. Como também não são todos os jovens que possuem um núcleo familiar solidificado. Estamos cientes dessas problemáticas, mas ainda assim, percebemos a importância de tratar da perspectiva escolar pela urgência de discutir certas práticas que estamos observando no Brasil.

nossa juventude como um todo hoje, que necessita de cuidado e que o encontra (ou deveria encontrar, na melhor das hipóteses) no ambiente escolar.

Foi parte da construção argumentativa do trabalho discutir a possibilidade de generalização da discussão trazida pelo jovem Florian para seus pares. Esse é, evidentemente, um empreendimento arriscado, tendo em vista que trata-se da afirmação de um jovem francês, que é filho de seu tempo, bem como cidadão de um país rico, do sexo masculino, pertencente a uma dada classe social. O mesmo cuidado que buscamos ter no desenvolvimento dos capítulos, é necessário ter aqui para discutir possibilidades de mitigação de uma problemática que, como tentamos mostrar, se apresenta num nível planetário.

É preciso ter em vista também que formulações de planos de ação ou políticas públicas, por exemplo, podem render por si só um novo projeto. Quer dizer, no momento pretendemos refletir sobre uma questão extremamente complexa que é pensar em algum bálsamo para dores agudas que precisam de uma atenção multidisciplinar e multifacetada. Não pretendemos dar conta na finalização do trabalho de toda a extensão dessa questão, mas somente problematizar uma das saídas que vem sendo utilizada.

Levando ambas as questões em consideração, iremos analisar de forma breve uma iniciativa brasileira. Não seria possível mergulhar profundamente neste momento no liceu francês que Florian muito provavelmente frequentou ou, por exemplo, nas políticas públicas que moldam o *high school* americano. Como alternativa, observaremos aquilo que está mais perto e que está tão latente em nossa sociedade atual. Aceitamos aqui, vale dizer, correr os riscos de construir qualquer argumentação com base em uma discussão “quente”, como dissemos que Stiegler costuma fazer, assumindo os prejuízos e benesses deste método. Iniciaremos, finalmente, uma breve reflexão sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil.

A BNCC é, indubitavelmente, um importantíssimo alicerce para a educação do ponto de vista do conteúdo básico a ser ensinado nas diferentes escolas do território brasileiro. Trata-se de um extenso documento normativo que pretende trazer em si a preocupação com uma educação crítica que diga respeito ao aluno que, como pertencente ao seu tempo, necessita de instrumental teórico e prático para viver sob as condições existenciais da sociedade contemporânea. Concentrando-se especificamente no documento em questão, observamos sua

proposta de trabalhar dez competências durante toda a formação básica dos alunos, desde os seus primeiros anos na Educação Infantil até o Ensino Médio. Dentre elas, a que mais chama atenção para o nosso escopo⁶⁴ é a quinta competência, a saber:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

A proposta referente à quinta competência geral da Educação Básica é notadamente relevante nesse momento por tratar especificamente da questão tecnológica, em especial das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), grandes enformadoras de realidade e condições existenciais no presente século. Vale notar no trecho acima que limitar-se ao uso de aparatos tecnológicos⁶⁵ em sala de aula, como *tablets* e computadores, não dá conta da sugestão da competência. É fato que o uso desses aparelhos pode tornar aulas mais dinâmicas, mas a proposta aqui vai para muito além disto: pretende-se que os alunos sejam capazes de construir conhecimentos a partir do uso das TDICs, mas também acerca delas, de maneira sóbria e crítica.

Para auxiliar nossa investigação, observaremos a discussão sobre “As Tecnologias Digitais e a Computação” apresentada no documento da BNCC (BRASIL, 2018). A subdivisão proposta passa por três eixos para a quinta competência: Pensamento Computacional, Mundo Digital e Cultura Digital. Dentre elas, aquela que mais diz respeito ao nosso esforço é a última, tendo em vista sua proposta de desenvolver “relações interdisciplinares da computação com outras áreas do conhecimento, buscando promover a fluência no uso do conhecimento

⁶⁴A quinta competência é aquela que trata de forma mais direta sobre a questão da tecnologia, mas não é a única. Podemos perceber já na primeira competência, a preocupação que a Base parece ter com a relação dos alunos com as tecnologias digitais, como podemos ver a seguir: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 9).

⁶⁵Ao apresentar o exemplo da inclusão de aparelhos multimídia em sala de aula, de forma alguma pretendemos tratá-la como algo trivial. Na verdade, a importância disso é imensurável para engajar o aluno nas aulas, mas também para prover dignidade no contexto do ambiente escolar. Ainda assim, trata-se de um recurso de alto valor monetário que não é uma possibilidade tangível para muitas escolas brasileiras com o investimento estatal atual na educação básica. Falaremos disso um pouco mais adiante.

computacional para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica.” (RAABE, BRACKMANN, CAMPOS, p. 8).

O eixo denominado Cultura Digital orienta quanto à necessidade de trabalhar conceitos que de forma direta ou indireta discutimos ao longo deste trabalho e que têm, sem dúvidas, importância para a formação de jovens cidadãos habitantes de um mundo altamente digitalizado. Entre elas, podemos citar a cidadania digital, a relação estreita entre a tecnologia e a sociedade contemporânea e a ideia de um letramento (ou literacia) digital:

A cultura digital se aproxima de outros temas, como sociedade da informação, *cybercultura*, revolução digital e era digital. Compreende as relações humanas fortemente mediadas por tecnologias e comunicações digitais. Trabalha ainda o letramento digital. Ser letrado, atualmente, seja no mundo virtual ou não, é compreender os usos e possibilidades das diferentes linguagens na comunicação, incluindo a linguagem narrativa verbal, oral ou escrita. Nesse sentido, ler é mais do que identificar letras e números, palavras, desenhos, imagens etc. Para analisar e avaliar criticamente textos narrativos, verbais ou não verbais, é preciso identificar e problematizar as informações recebidas, conhecendo e usando os diferentes tipos de mídias, tanto para identificar como transformar as diferentes situações vividas no cotidiano e o seu contexto, por exemplo, sua escola ou comunidade (...) (RAABE, BRACKMANN, CAMPOS, p. 18).

Conforme já havíamos sinalizado, a proposta trazida pela quinta competência não é meramente ensinar os alunos a utilizarem aparatos de acesso ao digital, como computadores e *smartphones*, mas principalmente, orientá-los a serem cidadãos responsáveis no uso da tecnologia. Essa proposta teria grande potencial de promover mudanças na forma como o aluno vê o mundo e se relaciona com ele, estando mais apto a lidar com os desafios que se apresentam. Igualmente, os professores, mediadores nessa relação de ensino-aprendizagem, teriam a oportunidade de tratar de assuntos que os afetam tendo como base currículos de referência.

No entanto, a Base Nacional vem sofrendo inúmeras críticas, antes mesmo de sua homologação, especialmente a BNCC do Ensino Médio. Percebemos a presença hoje de três principais vertentes de crítica: a primeira delas diz respeito àqueles pensadores e organizações que defendem a revogação da Reforma do Ensino Médio (proposta do Novo Ensino Médio), tendo a Associação Nacional de

Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)⁶⁶ como um relevante exemplo. A segunda pode ser representada aqui pela posição geral da organização Todos Pela Educação⁶⁷, que propõe uma espécie de reforma da Reforma. Por fim, há aqueles pensadores (LYRA, 2023) que veem a necessidade de recomeçar a discussão enquanto, ao mesmo tempo, é preciso conduzir um processo de transição entre a situação atual e uma nova proposta mais interessante a ser estabelecida. A última nos parece uma interessante visão ponderada sobre a situação, reconhecendo que a necessidade de uma transição visando minimizar os impactos de tantas mudanças em um espaço curto de tempo.

Estando cientes que existe um dissenso inclusive no endereçamento de críticas ao processo de estabelecimento no Novo Ensino Médio, vamos aqui endereçar algumas delas com o objetivo de refletir sobre o caminho que ainda temos a percorrer no Brasil na busca de uma educação que verdadeiramente diga respeito aos desafios próprios do nosso século. Efetivamente dar conta de todo o problema não é o nosso objetivada a grande complexidade do tema, que buscaremos resumir nos parágrafos que se seguem.

Em primeiro lugar, é preciso chamar atenção para a Lei 13415/2017, que dentre outros ditames, revoga a obrigatoriedade do ensino de Filosofia enquanto disciplina⁶⁸ regular do Ensino Médio. Antes de mais nada, vale observar a forma que Stiegler pensa a atividade filosófica, como uma modalidade de atenção e cuidado por meio do questionamento da *episteme*, sendo ela imprescindível para a construção de conhecimento de vida (ilustrado pelo conceito de *savoir-vivre*) e para resistir à tendência negadora que é inerente à nossa mente (tema do capítulo final):

Como ensino, a Filosofia apresenta uma nova forma de atenção e cuidado: sua intenção é configurar um novo sistema de cuidado fundado na anamnese: a Filosofia não é simplesmente *episteme*, mas a incessante problematização e questionamento da *episteme* (...).
 (...) [F]ilosofia é um sistema de cuidado localizado entre duas modalidades dogmáticas: a *mistagogia*, descendente da era do *muthos*, na qual o filósofo chama ao *logos*; e um tipo de saber que, tendo deixado de questionar,

⁶⁶A associação produziu um relatório recomendando a revogação do chamado NEM (Novo Ensino Médio), que pode ser lido na íntegra a seguir: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/relatorio_final_-_seminarios_anped_ensino_medio_-_o_que_as_pesquisas_tem_a_dizer_-_aprovado_28-06.pdf. Acesso em: 07/08/23.

⁶⁷Vale a leitura da nota técnica de reestruturação da política nacional do Ensino Médio emitida em maio: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2023/05/todos-pela-educacao-nota-tecnica-contribuicao-consulta-publica-nem-maio23.pdf>. Acesso em: 07/08/23.

⁶⁸BRASIL, 2017.

perdeu seu objeto sem saber, acreditando mais do que nunca que sabe. Platão chama esta última modalidade de *polimatheia* (o conhecimento do "Sr. Sabe-Tudo": o Sofista visto pelo filósofo).⁶⁹ (STIEGLER, 2010, p.111, tradução nossa)

Tendo isso em vista, é preciso refletir sobre os danos da implantação de uma medida que minimiza o acesso do aluno brasileiro a esse tipo de discussão, assim como tantas outras relevantes dentro do escopo da - também não mais obrigatória a partir da outorga da Lei 13415/2017 - Sociologia. Como disciplina essencialmente questionadora, formadora de indivíduos pensantes igualmente questionadores, a Filosofia tem um importante papel na transmissão de *savoir-vivre* em nossos tempos. Saber viver exige um conhecimento da realidade que vai para muito além da mera contemplação dos fenômenos. A intermediação do professor nesse processo é de suma importância, tendo em vista que o procedimento definido acima como anamnese, é pautado no diálogo, na troca atenta entre indivíduos em busca de um diagnóstico e de um plano de ação para um tratamento.

Isso nos leva a nossa próxima questão: a BNCC do Ensino Médio apresenta a flexibilidade de currículo como um princípio fundamental. Os itinerários ou percursos formativos⁷⁰, que inicialmente soam bastante sedutores, especialmente se forem apresentados ao aluno como uma possibilidade de escolha do caminho⁷¹ que mais lhe seja interessante, escondem em si uma precarização do ensino:

“Brigadeiro caseiro”, “O que rola na rede”, “Marketing digital”, “Projeto de vida” estão entre os componentes do Novo Ensino Médio. Seriam quem sabe defensáveis se houvesse instalações e professores preparados para ministrá-los, sobretudo sem prejuízo de uma formação sólida e cidadã, minimamente adequada aos desafios do século 21. Por certo não há problema em flexibilizar currículos e inserir saberes cotidianos ou profissionalizantes nas escolas, desde que isso seja feito

⁶⁹“As teaching, philo-sophia presents a new form of attention and care: its intention is to configure a new system of care founded on anamnesis: philosophy is not simply episteme, but rather the ceaseless problematization and questioning of episteme (...).

(...) [P]hilosophy is a system of care located between two dogmatic modalities: mystagogy, descended from the age of *muthos*, in which the philosopher calls to the *logos*; and a kind of knowledge that, having stopped questioning, has lost its object without knowing it, still believing more than ever that it does know. Plato calls this latter modality *polimatheia* (the knowledge of "Mister Know-It-All": the Sophist as seen by the philosopher)". (STIEGLER, 2010, p.111)

⁷⁰“No Brasil, a expressão ‘itinerário formativo’ tem sido tradicionalmente utilizada no âmbito da educação profissional, em referência à maneira como se organizam os sistemas de formação profissional ou, ainda, às formas de acesso às profissões. No entanto, na Lei nº 13.415/17, a expressão foi utilizada em referência a itinerários formativos acadêmicos, o que supõe o aprofundamento em uma ou mais áreas curriculares, e também, a itinerários da formação técnica profissional.” (BRASIL, 2018, p. 468)

⁷¹ Muitas vezes endereçada pelo termo “protagonismo juvenil”.

de forma prudente, democrática e bem planejada, com um mínimo de compromisso e conhecimento das realidades brasileiras, bem entendido, não como reprodução pedante e oportunista de modelos hauridos não se sabe bem onde. (LYRA, 2023)

Percebemos, portanto, que a proposta do Novo Ensino Médio é muito pouco exequível, sendo esta visão comungada por grande parte da comunidade universitária⁷². O professor se vê diante de uma tentativa de interdisciplinaridade mal planejada que negligencia a promoção de uma formação adequada para um empreendimento deflagrador de uma abrangente mudança estrutural na organização disciplinar da escola. O jovem brasileiro, diante de tudo isso, estaria abandonado a uma proposta que mais se parece com uma colcha de retalhos, num momento que tanto necessita de estrutura adequada para receber afeto e cuidado.

Um outro ponto relevante a ser considerado é que quando Florian nos diz que “(...) nós não temos mais o sonho de começar uma família, ter filhos, ter um negócio (...)” (L’IMPANSABLE coll., 2006, p. 7, tradução nossa) ele se preocupa com uma questão muito tangível, que é a capacidade de algum planejamento diante do mercado de trabalho. Num mundo imprevisível como o nosso, a possibilidade de se planejar quanto a emprego e aposentadoria diverge muito da forma como gerações mais velhas podiam fazê-lo.

As crises econômicas e políticas que vêm se arrastando no Brasil pelo menos desde 2013 têm um impacto muito relevante, especialmente na juventude, como buscamos mostrar no capítulo 3. Uma educação tecnológica responsável, nesse sentido, é uma forma de também preparar os jovens para um mercado excessivamente cambiante, mas que parece ter a tecnologia como um fator comum. Dar material para que nossos jovens possam ter emprego digno faz parte também da tentativa de dar-lhes alguma segurança diante da realidade contemporânea.

No entanto, o que vemos na realidade presente da escola, especialmente da pública, está longe de ser o ideal para tal empreendimento, por diversos motivos, como a limitação de investimentos estatais, a flexibilidade curricular que permite que disciplinas mais voltadas para a discussão tecnológica possam ou não estar presentes e ausência de uma formação efetiva para os professores na nova realidade

⁷²O que pode ser observado, por exemplo, no relatório (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2023) da já citada organização e na recente nota técnica da ANPED (ALVES; RODRIGUES; VERÍSSIMO, 2023) que, por sua vez, propõe a revogação do NEM baseada em complexos estudos separados por regiões do país.

da BNCC. Quer dizer, o que vemos no documento da Base com relação a uma educação voltada para a discussão tecnologia *versus* sociedade, ou mesmo para uma educação que se volte para conhecimentos técnicos essenciais, mas que não seja necessariamente atrelada ao ensino técnico, é um discurso excessivamente retórico, a julgar por vozes como a do já citado Lyra:

Flexibilização é a palavra de ordem da nova legislação. O estímulo ao rompimento com a antiga ordem disciplinar – com a introdução curricular de oficinas, laboratórios, seminários, workshops e outras formidáveis soluções – não prevê apoio logístico ou econômico à altura. Houve, na verdade, uma tentativa de juntar ao pacote final do governo Temer uma Base Nacional de Formação de Professores, sem ficar muito claro com que recursos ou boa vontade, visto que produzida a portas fechadas, ela seria implementada. É preciso perguntar: – Acaso são desconhecidas as dificuldades com que se defrontam historicamente gestores escolares e professores da rede pública para organizarem suas grades curriculares e levarem seus anos letivos a termo? – Por que imaginar que os estados conseguiriam curricularizar ordeiramente tão ousada reforma, sem recursos e em tempos tão tortuosos? – Ou será que a reforma tinha em vista primeiramente as escolas mais abastadas, ou foco que não exatamente uma educação pública de qualidade? (LYRA, 2023)

A insistência nesse momento na discussão sobre a BNCC, especialmente sobre o Novo Ensino Médio, tem por objetivo trazer para o primeiro plano a necessidade de pensar em uma escola que diga respeito aos desafios próprios da existência dos jovens contemporâneos. O que podemos concluir a partir das breves observações que trouxemos é que a proposta atual traz a questão de uma educação que vê as mazelas de nosso tempo como algo importante em sua documentação, mas parece pecar na implementação adequada no chão da escola por causa da ausência de um planejamento adequado, de formação dos professores para tamanho empreendimento, de estrutura escolar e mesmo de uma flexibilização excessiva que dilui demasiadamente as disciplinas tradicionais.

É evidente que uma discussão sobre a educação formal brasileira, especialmente sobre o currículo comum, precisa ser feita de forma rigorosa para realmente chegar ao cerne da questão. Isso, infelizmente, não pôde ser feito aqui por causa da limitação de escopo do trabalho. De toda forma, a BNCC é um assunto

“quente”, em debate corrente⁷³ na mídia, sendo de nosso desejo que seu desenrolar se dê da forma mais íntegra possível tendo como objetivo que nossos jovens se beneficiem de um ensino digno que diga efetivamente respeito a suas necessidades.

Toda a construção dessa parte final do trabalho buscou pensar em formas de mitigar os grandes problemas que trouxemos para o centro da discussão sobre a juventude e sua relação com a tecnologia. Florian, como interlocutor silencioso de Stiegler, foi um importantíssimo aliado nesse processo, sendo a partir dele que construímos toda a argumentação, tal qual nosso autor francês se propôs a fazer em *Dans la disruption: comment ne pas devenir fou ?* (STIEGLER, 2016), versão original francesa de sua obra sobre a disrupção. Na tentativa de dar conta de “brechas” deixadas pelo filósofo, nossa preocupação foi especificamente com a temática da juventude, suas angústias, suas particularidades e sua visão de futuro, marcada pela perspectiva do fim do mundo.

⁷³Como podemos observar em matérias jornalísticas referentes a acontecimentos datados em agosto de 2023: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/08/ensino-medio-tera-mais-aulas-de-portugues-e-matematica-entenda-a-proposta-do-mec.shtml>. Acesso em: 09/08/23.

Referências Bibliográficas

ABITEBOUL, Serge; GILLES, Doweck. *The age of algorithms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

ABRAMOVAY, Miriam. Coord. *Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?* / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ALVES, Miriam Fábria; RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva; VERÍSSIMO, Maria Luiza Sussekind. *Ensino Médio: O que as pesquisas têm a dizer? - Subsídios para a Consulta Pública*. IN: ANPED.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/relatorio_final_-_seminarios_anped_ensino_medio_-_o_que_as_pesquisas_tem_a_dizer_-_aprovado_28-06.pdf

Acesso em: 10/08/23.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

BERARDI, Franco. *Depois do Futuro: 7*. São Paulo: Ubu Editora; 1ª edição, 2019.

BORDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século - Edições, Sociedade Unipessoal, 2003.

BORGES-DUARTE, Irene. *Cuidado E Afetividade: Em Heidegger E Na Análise Existencial Fenomenológica*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2022.

BOWER, J. L. & C. M. CHRISTENSEN. *Disruptive Technologies: Catching the Wave*. Harvard Business Review 73, no. 1 (Janeiro–Fevereiro 1995): 43–53.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Brasília, DF, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm.

Acesso em: 05/08/23.

CHARLOT, Bernard. (Org.). *Os Jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre:

Artmed, 2001.

CHRISTENSEN C. M., RAYNOR, M. E., MCDONALD R. *What Is Disruptive Innovation*. Harvard Business Review. Disponível em: <https://hbr.org/2015/12/what-is-disruptive-innovation>. Acesso em: 01/08/22.

COHEN, A.K. A delinquência como subcultura. In: BRITTO, Sulamita de (Org.) *Sociologia da Juventude*. Vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 133-146.

COHEN, Stanley. *States of Denial: Knowing about Atrocities and Suffering*. Cambridge: Polity Press, 2001.

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora; Coleção Exit, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, in *Conversações 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992 pp. 219-26.

DANOWSKI, D. & VIVEIROS DE CASTRO, E.. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: Cultura e Barbárie e ISA, 2017.

EISENSTADT, S.N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ERKAN, Erick, *Psychopower and Ordinary Madness: Reticulated Dividuals in Cognitive Capitalism* in *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, vol. 15, no. 1, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/40377728/Psychopower and Ordinary Madness Reticulated Dividuals in Cognitive Capitalism](https://www.academia.edu/40377728/Psychopower_and_Ordinary_Madness_Reticulated_Dividuals_in_Cognitive_Capitalism). Acesso em: 01/02/22.

FERREIRA, Giselle M. S.; ROSADO, L. A.; CARVALHO, J. S. (Org.). *Educação e Tecnologia: abordagens críticas*. Rio de Janeiro: SESES/UNESA, 2017. Disponível em: <https://ticpe.files.wordpress.com/2017/04/ebook-ticpe-2017.pdf>. Acesso em 21/05/23.

FLORIDI, Luciano (ed.) *The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era*. Springer, 2015.

FRAGOZO, Fernando. *A tecnologia e seus possíveis: é possível pensá-los?*. Rio de Janeiro: E-PAPERS, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GILLE, Bertrand. *Histoire des techniques: Prolégomènes à une histoire des techniques*. Paris: La Pléiade, 1978.

GROPPO, Luís Antônio. *Introdução à Sociologia da Juventude*. São Paulo: Paco e Littera, 2017.

HUSSERL, Edmund. *On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1893-1917)*, trans. John Brough. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

KANT, Immanuel. *O Conflito das Faculdades*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2006.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANIER, Jaron. *10 argumentos para você deletar agora suas redes sociais*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LE BRETON, D. *Desaparecer de si - Uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

_____. *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia/Paulo Leminski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEOPOLDO, Franklin. *Martin Heidegger e a Técnica*. *Scientiæ zudia*, São Paulo, v.5, n. 3, p. 369-74, 2007.

LYRA, Edgar. *O esquecimento de uma arte: Retórica, educação e filosofia no século 21*. Coimbra: Edições 70, 2021.

_____. *Por que o Novo Ensino Médio é tão ruim?*. Coluna ANPOF, 2023. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/por-que-o-novo-ensino-medio-e-tao-ruim>. Acesso em: 10/07/23.

_____. *Sobre a importância da filosofia na formação básica*. Coluna ANPOF, 2016. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/sobre-a-importancia-da-filosofia-na-formacao-basica>. Acesso em: 10/07/23.

L'Impensable (coll.), *L'Effondrement du temps: Tome 1*, Pénétration Paris: Le Grand Souffle Editions, 2006.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). *Mannheim*. Col. Os Grandes Cientistas Sociais, n. 25. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo (ed.). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: Ensaio sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Produção de Netflix. Estados Unidos: Netflix, 2020. Plataforma de streaming (94 min).

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In: BRITTO, Sulamita de (Org.) *Sociologia da Juventude*. Vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 47-76.

RAABE, André L. A.; BRACKMANN, Christian P.; CAMPOS, Flávio R. *Currículo de referência em tecnologia e computação: da educação infantil ao ensino fundamental*. São Paulo: CIEB, 2018. E-book em pdf. Disponível em: https://curriculo.cieb.net.br/assets/docs/Curriculo-de-referencia_EI-e-EF_2a-edicao_web.pdf. Acesso em 01/06/23.

ROSS, Daniel. *A Bibliography of Bernard Stiegler's Works in English*. Disponível em: https://www.academia.edu/23702615/A_Bibliography_of_Bernard_Stieglers_Works_in_English. Acesso em: 01/08/22.

SELWYN, N. *What do we mean by 'education' and 'technology'?* In: SELWYN, N. *Education and Technology: key issues and debates*. Londres: Bloomsbury, 2014.

STIEGLER, Bernard. *Dans la disruption: comment ne pas devenir fou ?*. Paris: Editions Les Liens qui Libèrent, 2016.

_____. *Passer à l'acte*. Paris: Galilee, 2003.

_____. *Prendre soin: De la jeunesse et des générations*. Paris: FLAMMARION, 2008.

_____. *Nanjing Lectures 2016–2019*. London: Open Humanities Press, 2020. Disponível: <http://openhumanitiespress.org/books/titles/nanjing-lectures/>. Acesso em: 01/02/23.

_____. *Taking Care (Prendre Soins)*. 2006, Trans. Daniel Ross, Suzanne Arnold e Patrick Crogan. Disponível em: <https://arsindustrialis.org/node/2925>. Acesso em: 01/08/22.

_____. *Taking Care of Youth and the Generations*. Redwood City, California: Stanford University Press, 2010. Trans. Stephen Barker.

_____. *The Age of Disruption: Technology and Madness in Computational Capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2019. Trans. Daniel Ross.

_____. *What is called Caring? Beyond the Anthropocene*. *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 2017. ISSN: 1091-8264 21:2–3: 386–404. DOI: 10.5840/techne201712479.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *NOTA TÉCNICA: Proposições para a avaliação e reestruturação da política nacional de Ensino Médio*. 2023. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2023/05/todos-pela-educacao-nota-tecnica-contribuicao-consulta-publica-nem-maio23.pdf>.

UNESCO. 2023. *Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023: Tecnologia na educação: Uma ferramenta a serviço de quem?* Paris, UNESCO.

ZANARDI, Teodoro. Ensino Médio: O que as pesquisas têm a dizer? Sudeste. IN: ANPED.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ensino Médio: O que as pesquisas têm a dizer? Sudeste. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7ciPKvW4Lk&t=4935s>. Acesso em: 10/08/23.

ZUBOFF, Shoshana. *A Era do Capitalismo de Vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.